

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIÊNCIAS, LETRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XI

Cuiabá - Maio e Junho - 1911

NÚMS. 5 e 6



Maio, a rosa e a Virgem

E' a natureza em quadro encantador. As flores abrem-se mais perfumosas. As aves gorgelam mais contentes. As brisas da tarde têm murmúrios mais doces. A harmonia da terra que se levanta para o céu tem os mais sublimes harpejos. E' tudo, enfim, um concerto universal. E' porque surge, sympathico e bello, o precioso mez de Maria, a quadra outonal do anno, o oasis

d'um deserto de lagrimas, o iris que vai fulgir no fundo desse valle de amarguras que é a nossa vida mortal.

Como que impellidos pelo convite da natureza em festa, a humanidade crente, do encontro aos hymnos e canticos das brisas e das aves, expande-se nos psalmos sublimes da devoção mais pura para com Aquella que é a Rainha de todo o universo, a Mãe de misericórdia, a Auxiliadora dos christãos.

Tota pulchra es, Maria.

Borrifada de crystal no orvalho, fresca, olentissima, eleva-se a rosa, a rainha das flores, do verde hastil, lirto de espinhos, symbolo da Virgem que as sagradas cartas poeticamente saudam mystica rosa de Jericoth: *Quasi plantatio rosae in Jericho.*

O Arcopagita, escrevendo de Maria exclama: *Ella era de belleza tão fascinante, que adorá-a-in como Deus, si não soubesse que existe só um Deus.*

O abbade Ruperto diz-lhe: *Pulchra pulchritudine divina.* São João Damasceno chama-a: *Naturae reusultem.* o S. Agostinho affirma: *Si formam Dei te appellem, digne existis.* S. Epiphania e Alberto

Magno, enlevados na contemplação de sua virginal formosura, julgam-na tal que não pode ser superada por outra creatura, e o Alighieri, no seu poema, canta extático de admiração :

*La bellezza ch'io vidi, sì trasporta
non pur di là da noi, ma certo io
(credo)
che solo il suo Fattor tutta la goda.*

E esta ideal perfeição era a única digna da alma d'Aquella que, perfeita de espirito e do coração, devia ser Mãe sobre a terra do Deus humanado que encerra em si e une pela essência a Verdade, o Bem e o Bello.

Emblema da belleza, e como ella fugaz, a rosa circunda-se de espinhos, qual tacito conselho da vigilância que as creaturas privilegiadas por peregrinos dons da natureza e da graça, devem continuamente exercer contra os pestíferos assaltos do mal, que tenta formal-as escravas eternamente.

Tão sómente pelo cilício da penitencia e pela renuncia a qualquer mundano deleite, triumphase no bem para sempre, adquirindo os sublimes thesouros da virtude que o tempo não estraga e a ferrugem não corroee; ao passo que a bella rosa desabrochada pela manhã já cabe murcha à tardinha, repetindo nos que tudo é caduco, fútil, vão nesta terra, pois que n'ella tudo reneca e passa.



PALAVRAS DE PÃO

« Ah! a imprensa! Ainda não se a impregnando a sua importância; nem os fiéis, com o claro se dedicam a ella como devem. Os vellos dizem, ás vezes, que ella é uma obra nova, e que entretanto as almas se salvavam apesar de se não fazer caso dos jornaes. E' bom dizer: *Quil'ant' Quil'ant'*!

Mas essas más cegueas não reparam em que outrora o veneno da má imprensa não estava espalhado por toda a parte, e em que, por conseguinte, o contraveneno não era tão necessário. Não se trata de *ant'urar*; pois já não; e como os tempos de outrora estamos no tempo de hoje. Pois bem: é facto que *hoje* o povo christão é enganado, é enganado, perdido pelos jornaes impios.

Dehbeis edificareis egrejas, pregareis missões, fundareis escolas; todos os vossos esforços serão destruidos, se não sabereis manejar ao mesmo tempo a arma defensiva e offensiva da imprensa catholica, leal e sincera. »

ANGURIOS REAES

Para que se avalie e veja a importância que tem hoje no mundo o Papado, damos a seguir a lista dos imperadores, reis e principes que, por occasião de novo anno, enviaram pessoalmente a Sua Santidade Pio X, telegrammas de augurios e votos de fidelidade: Francisco José, imperador da Austria e rei da Hungria; Guillerme II, imperador da Alemanha; Nicolau II, czar da Russia; Frederico Augusto III, rei da Saxonia; Alfonso XIII, rei da Hespanha; Gustavo V, rei da Suecia; Haakon VII, rei da Noruega; Alberto I, rei dos Belgas; Niclau I, rei do Montenegro; Luiz III, rei da Baviera; Manoel II, rei de Portugal; Felipe, duque de Orleans pretendente ao throno da França; Rainha Maria Christina de Hespanha; Rainha Amelia de Portugal; Principe João Jorge de Saxonia; Adolpho, conde de Caserta; Fernando, Duque de Montpensier; Conde de Eu; Infanta Maria da Paz, princeza de Baviera. Como os leitores vêm, dos Estados importantes da Europa, só faltam telegrammas do Rei de Inglaterra, ainda não completamente despoído dos perfidos protestantes e do Presidente da Republica Franceza, victima dos laços maçónicos, que manifestam os movimentos da bíbia primogenita da Egreja.

PROGRESSOS DA EGREJA

Pelo ultimo *Annuário Pontificio*, ha pouco publicado, vê-se que a gerarchia catholica, no decennio do Pontificado de Pio X, teve um augmento extraordinario, pois foram creadas 13 novas archebispos, 58 novas dioceses, 1 prafuras *autônas*, 17 vicariatos apostolicos e 31 profuturas apostolicas.

MOSAICO. — Num. escola parochial:

O Thomaz: Analize esta oração: « Pele e morra em de lexigis. Onde está o sujeito? »

O alumno: No outro mundo.



Parnaso mattogrossense



CORUMBÁ

Aqui neste valle uberrimo,
Onde o bello Paraguay,
Entre mattas e lezírias,
As ondas rolando vai.
Na penumbra verde escura
Destaserra que a cunholidura,
Qual muralha triumphal,
Jaz a cidade fadada
A galgar a eterna escada
Do progresso e do ideal.

A sua historia de um seculo
E' via lactea de sóes:
São as lagrimas dos martyres
Nas palpebras dos heróes!
Bella, risonha e tranquillã,
Dormia em flôres a villa,
A' sombra dos carandás,
Quando um lugubre estampido
Nas azas do sul trazido,
Roubou-lhe as flôres e a paz.

Era o echo dessa Iliada,
Que em eternos muralhões,
Porto Carreiro gravára-nos
Com as balas dos canhões.
Mas já Coimbra, a heroína,
Cedeu a funesta sina.
E muda, deserta está...
Em breve a faminta harpia
Desdobra a garrã sembrã
Sobre a inerme Corumbã.

Foram longos annos, tetricos...
Dois annos de maldicção!
Corumbã, tu foste martyre,
Mereceste a redempção.
Viste, viste enxovalludas
Dos vellos as cãs honradas
E das filhas o pudor,
Algemados os teus bravos,

Arrastados como escravos,
Aos lares do vil senhor.

Sobre este céu tão diaphano,
Triste bruma se expandiu;
Desfolharam-se estas arvores,
Todo o valle desfloriu.
Apenas quando o estrangeiro
Passava, guapo e altaneiro,
Profundando o patrio chão,
A bromelia nos caulinhos,
Desalrochava os espinhos.
Numa eterna maldicção!

Mas um dia, ao calmo vespero,
Após rapido pugnar,
Trôa o estrupido e o resfôlego
Dum cavallo a galopar...
E' o ginete de Coelho,
Que no horizonte vermelho,
—Incendiada barbacã—,
Como a quadriga de Apollo,
Relincha no patrio polo,
Annunciando a manhã!

Manhã de luz e victoria!
Manhã sublime, ideal!
Desperta um povo entre as musicas
Do seu hymno nacional!
Palpitam beijos nos lares,
Brotam flôres nos palmares,
Brilha o Crúzeiro do Sul,
Convidando o grande povo
A romper então de novo,
Na marcha audaz para o azul!

Salve! à beira dos teus limpidos
Crystaes, sob o céu de anil,
Oh! d' Albuquerque fortissima
Cidade nobre e gentil!
O martyrio, o heroismo
Cingem-te ambos o civismo
De celestes arreboes,

E, á noite, as tuas montanhas
Parecem grandes péanhas
De gigantescos herões !

Mas eis que estrella propicia
Brilha sempre a te sorrir :
Si foi grande o teu preterito,
E' maior o teu porvir !
E eu já sonho as tuas casas,
Como myriadas de azas
De um bando de jaburús,
Alegandoras nos montes,
Nos ultimos horizontes,
Onde o progresso reluz !

Sinto, sinto extranho fremito
Em teus ventos perpassar,
Rugido solenne, interminio,
Como o rugido do mar !...
E' a grande locomotiva,
A moderna força viva
Dos pavos e dos ideaus,
Sacudindo por tens ares,
Os seus candidos coraes,
Como bençãos triumphaes !

Na verde paz dos suburbios,
Por entre os parques em flôr,
Ao som dos fecundos dialogos
Da machina e do motor,
Sonho florestas gigantes
De chaminés fumegantes,
Que apontando para os céus,
Vão dizendo que o trabalho,
Na voz da incude e do malho,
Deve elevar-nos a Deus !

No recinto dos teus predios,
Dos teus campos na amplidão,
Canta o arado, o prelo queixa-se,
Um faz a luz, outro — o pão;
E aos rangidos compassados
Dos guindastes assentados,
Qual bando de groux, no caes,
Sonho que vêm saudar-te
Dos povos de toda parte
Os pavilhões nacionaes !

E em meio á garrula azáfama
Da immensa onda popular,

E á symphonia das lúlices
Dos bateis a baloiear,
O barqueiro que desliza,
Quando a tarde te matiza
De nácares, e se esvai,
Ao forasteiro te indica,
Murmurando : « Esta é a rica
Princeza do Paraguay ! »

Pousada sobre o calcareo
Dorso da encosta gentil,
Salve, d'Albuquerque oh ! inclita
Cidade airosa e viril !
Que o trabalho e o heroismo
Bordenem sempre o teu civismo
De celestes arrelhões,
E que das tuas montanhas
Sobre as eternas péanhas,
Capeiem novos herões !

Corumbá, 13 de Junho de 1910.

AQUIXO CORREA

SAUDAÇÃO (1)

*Eis que volte á terra amada
o Apostolo do sertão,
trazendo a fronte estrellada
dos louros dessa missão...*

*Vem das selvas, onde um dia
a tuba apenas se ergueu
e donde agora irradia
o nobre trabalho seu...*

*Vem das florestas escuras
onde bramia o jaguar,
entre as verdes espessuras
do verde-negro palmar,*

(1) Uma gentil menção, afluente do Collegio Santa Catharina, provecientemente dirigido pelas R.R. Irmãs de N. S. Auxiliadora, dechamou esta bella saudação, quando o Revmo. Sr. D. Antonio Malan, d. d. Inspector da Missão Salesiana, de volta de sua viagem á Europa, via Goyaz, era triumphalmente acompanhado por uma multidão popular ao Lyceu S. Gonzaga, recebendo durante o trajecto da rua Novas saudações mais entusiasticas do povo affim por ter sido S. Exe. Revmo. nomeado, pela S. S. Bispo de Amisso e Prelado do Aragoaya.

*e onde hoje a Cruz se levanta
symbolo da Redempção,
d'aquella Cruzada Santa
do primeiro christão...*

*Bem-dita seja a Cruzada
que o vosso braço miçion
e essa fronte hoje nevada
que o sol das selvas cresceu!*

*Hoje que o aureo diadema
de príncipe do Senhor
a vossa cabeça estemma,
permitti que, com ardor,*

*eu, criança pequenina
da vida inda na manha,
vos saudando, grite afona,
-Viva o nosso D. Malua!...*

JOSE' DE MESQUITA



IMAGEM DE MARIA AUXILIADORA

*Tem no rosto immaculado
O sorriso maternal.
Como iris abençoado
Para o misero mortal!*

*Envolvendo a rubra res'e,
Fulge o manto azul de luz,
- Doce égide celeste
Dos que pugnam pela Cruz!*

*Do virgineo seio pendê
O Menino--Deus gentil.
Como o lyrin que se pendê
Ao mimoso e verde hastil.*

*E Jesus o sceptro entrega
Do infinito seu poder
A Quem nada, nada nega,
A Quem deê o proprio ser!*

*E abre os braços carinhosos
Para a todos abraçar
Que á Maria, ferrosos,
Seu amor vêm consagrar!*

*Oh! Maria Auxiliadora!
Oh! palladio do christão!
Aos teus filhos sempre implora
Luz, victoria e salvação!*

Maio de 1911.

A. M. O.

A' saudosa memoria do meu irmão.

*Morreu!!... Acerba d'ôr rasga-me o peito....
Amo-o tanto, e fui por elle amado...
Ah! quem me dêr, no mortuario leito
Desabafar meu coração magoado!*

*Est-o sem vida, o rosto já desfeito.
Pallida a fronte, o corpo enregelado;
Oh meu Deus, concedei-lhe a paz que o eleito
Goza no céu, da vossa gloria no lado!*

*Este querido, a quem amara tanto,
Porque me deixas tão depressa assim,
N'um mar de angustias em dolorido pranto!!...*

*Entra, oh! alma, na luz da eternidade
E entre os gozos que nunca terão fim
Reza por quem te chora com saudade.*

Formosa, 31--5--1911.

CARLOS T. GUIMARÃES.

Aos invictos martyres da Retomada de Corumbá

*Dormi, dormi, que dessas rossas campas,
Sob o azul da patria céu erguidas,
Vicejam bellas, martyres imparidos,
As palmas de victoria merceidas!*

*Vinde cantar commigo, auras fagueiras,
Que agitareis nosso rutilo estandarte!
Os que da patria se mostraram dignos
Entre as fuganhas da guerreira arte!*

*Chefiados por Coelho e Cunha e Cruz,
Põem a tropa inimiga em debandada,
Da lendaria cidade de Albuquerque,
Que então era por ella subjugada.*

*E dentre o horrível sibilhar das balas,
Rolam por terra os inimigos mil...
E os nossos, corajosos, sempre avante,
A libertar a terra do Brazil!*

*Entraram entoando o hymno ingente
Da celebre victoria já alcançada!
E além repercutia pelos cerros
Da historica cidade retomada!*

*Nesse brilhante e celebre combate,
Em que tombaram firmes pela estrada,
Tantos heróes... do marechal Coelho
De valor era um raio a ignea espada.*

*E sobre o peito audaz de Cunha e Cruz
Brilhava a bella cruz da Redempção,
Quando por uma bala do inimigo
Cahi seu corpo inerte pelo chão!*

*E vós também, oh! destemidas praças,
Que a morte achastes nesse embate hostil!
Curcos, perante Deus, Senhor dos povos,
Pedi bençãos do céu para o Brazil!*

*E tu, oh! legendaria Corumbá,
Que já tens um poema para a historia,
Os feitos canta das teus bravos mortos,
Cujo sangue sagrou-te para a gloria!*

*Oh! descançae; heróes da Retomada!
Oh! sim! oh! descançae na eterna vida!
E choram bençãos sobre as rossas campas,
Qual tributo da patria agradecida!*

Coyubá, Junho — 1911.

JOSE LAVAQUIAL BROSCA
Quintanista do Lyceu Salesiano.



Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Malan

D. D. INSPECTOR DA MISSÃO SALESIANA

A S. Sé acaba de desmembrar da Archidiocese de Cuiabá o territorio que margea o lado esquerdo do soberbo Aragnaya, erigindo-o a Prelazia Apostolica, e dando-lhe como Pastor o Revm. P. Antonio Malan, que, superior da Missão Salesiana, de ha quatorze annos, trabalha unidamente a seus dedicados irmãos, com afincio e abnegação para catechizar a destemida tribu dos boróros.

Ultimamente S. Exe. Revma. de volta da velha Europa, onde fôr buscar meios e pessoal, vinha cortando os sertões em demanda da nossa Capital, via Goyaz; e eis que em chegando á Colonia do S. Coração, onde com sua presença alegrava catechistas e neophytos, recebeu telegraphicamente a noticia de sua nomeação a Bispo do Amiso e Prelado do Araguaia.

Não podemos nem sequer imaginar quão grande alegria. lá, em todos se despertou á fausta noticia, porém, si licito é aquilata-la pelo entusiastico surto de todos da Capital, ella foi immensa.

De ha 14 annos o abnegado sacerdote gasta inteiramente o melhor de suas energias em prodigalizar benefícios a esses silvícolas, outrora tão temiveis, e de presente, na maioria incorporados já á nossa vida civil!... Bem conhecem todos os sacrificios heroicos, as peripecias mil que arrostou o benemerito Prelado! As viagens immensas e incommodas que imprehenderam!... Porisso quando a merecida nomeação foi conhecida na Capital, as pessoas mais embitentes do nosso meio tecerão com elogios, ao novo Prelado, amplos elogios, pois viam na alta investidura um merecido premio a

tantos labores apostolicos! E' o que claramente apparece das paginas que vamos publicar, começando pela brilhante Polyanthéa elaborada por distinctos cavalheiros, na fausta occorrença do dia onomastico de S. Ex. Rvma. o Sr. D. Antonio Malan.

Exm. e Rvma. Sr.

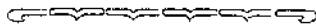
D. ANTONIO MALAN

Sciende de ter sido V. Ex. Rvma. merecidamente nomeado pelo Santo Padre Pio X. Bispo Titular de Amiso e Prelado do Registro, folgo de apresentar a V. Ex. e a toda a Missão Salesiana, sob a vossa digna direcção, as minhas cordiaes felicitações por esse acto da Santa Sé. que veio opportunamente corôar os relevantes serviços prestados por V. Ex. Rvma. a esta nossa querida Archidiocese.

Ad multos annos!

Do servo e am.º em J. C.

† *Carlos*, Arcebispo de Cuiabá,
Cuiabá, 13 de Junho de 1914.



Exm. e Rvma. Sr.

D. ANTONIO MALAN

Acceptae os meus cumprimentos de boas vindas e as minhas felicitações pela vossa nomeação a Bispo de Amiso e Prelado do Registro do Araguaya, em cujo município fundastes as colonias da Immaculada Conceição, do Sagrado Coração e de S. José, que são naquelles seções, verdadeiros centros de civilização christã, a difundirem os seus beneficios por entre os silvicolos, attrahindo-os para a communhão social.

A vossa nomeação foi certamente a justa e merecida recompensa dos serviços que tendes prestado á humanidade e á sociedade mattogrossense, como bem attestam as fundações das referidas colonias, do Lyceu "S. Gonzalo", desta cidade, do Collegio "S. Thereza" em Corumbá, das Escolas Agricolas de Coxipá, e de Palmeiras.

Que sirva essa honrosa distincção de incentivo para continuardes a prestar ao Estado os humanitarios beneficios de vossa infatigavel iniciativa, são os meus desejos.

Com os protestos de minha estima, acceptae, pois, os meus cumprimentos.

Joaquim A. da Costa Marques,
Presidente do Estado.

Cuiabá, 13 de Junho de 1914.



Justa homenagem

E' com o mais intimo contentamento e com a mais profunda convicção de praticar um acto da mais rigorosa justiça que accedo em concorrer com estas singelas palavras para esta sympathica polyanthéa o que me refiro em linguagem de mattogrossense agradecido á bemfazeja Missão Salesiana deste Estado e ao seu digno Superior, meu grande e intimo amigo o Exm. e Rvma. D. Antonio Malan.

Quanto á benemerita Missão, cujos passos acompanho com dedicação e interesse desde a sua fundação em nosso meio social, ahí estão os factos accumulados para attestarem com a sua eloquencia esmagadora e irreplicavel o seu valor e os innumerables beneficios della decorrentes.

A instrução litteraria e profissional da mocidade patricia, notadamente dos orphãos desprovidos de recursos; a religião catholica, amparo poderoso, sustentaculo impercivel das grandes nacionalidades e a grandiosa obra da catechese dos nossos irmãos das selvas, são serviços valiosos e inestimaveis que Matto-Grosso deve a esses indefessos obreiros do seu verdadeiro progresso e que attestarão através dos tempos o quanto de attenção, de protecção e de carinho merece essa grandiosa associação religiosa, hoje disseminada por toda a superficie do nosso planeta a promover o engrandecimento moral e material das nações dos diversos continentes.

Quanto ao Rvm. homenageado, é elle sobejamente conhecido em toda a vastidão do territorio do Estado, onde pela sua proverbial bondade, pelas suas peregrinas virtudes, pela sua operosidade admiravel tem sabido grangear o mais fundo respeito, a mais profunda estima, podendo-se dizer sem hyperbole que S. Ex. Rvma. conta um dedicado amigo em cada um dos filhos deste Estado e mesmo dos que, não sendo mattogrossenses, aqui se acham radicados por domicilio, por laços de família e pelo exercicio de sua actividade.

A prova mais cabal dos merecimentos de D. Malan reside na dignidade com que acaba de ser agraciado pela Santa Sé e no entusiastico acolhimento, no geral agrado, com que foi por todos indistinctamente recebido esse gesto correcto, acertado e justo de Sua Santidade Pio X, gloriosamente reinante.

Nestas despretenciosas palavras, tão desataviadas quanto sinceras,

vae a expressão do meu pensar com relação á Missão Salesiana do Matto-Grosso e ao seu digno Superior.

Des. dos Joaquim P. Ferreira Mendes.

Secretario do Interior, Justiça e Fazenda.

Cuiabá, 13--6--1914.



UM MISSIONARIO ILUSTRE

Raros são os homens que possuem os mesmos dotes do espirito e as mesmas qualidades do coração e da alma do sacerdote salesiano, ultimamente honrado pelo Summo Pontifice com a nomeação de Bispo de Amiso, Prelado do Araguaia.—Exm. Sr. D. Antonio Malan.

No grande circulo de acção, na America do Sul, onde a Missão Salesiana conta innumeros batallhões insignes o Rvm. Sr. D. Antonio Malan — pelas suas virtudes, pela austeridade do seu caracter, pela sua energia inquebrantavel e sobretudo pela sua actividade excepcional, tem sabido conquistar uma posição de elevado destaque no seio da corporação a que pertence, e fazer-se digno da admiração de uma grande população que o considera como o infatigavel pioneiro da Fé, o preclaro apostolo da Religião e do Bem entre os habitantes das selvas mattogrossenses.

13--6--1914.

Dr. JOÃO DA COSTA MARQUES.

Secretario de Agricultura, Industria, e Commercio



D. ANTONIO MALAN

Eis que chega de sua excursão evangelica o venerando apoe-

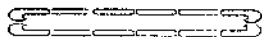
tolo das selvas, Inspector da Missão salesiana neste Estado. D. Antonio Malan, Bispo titular de Amiso e Prelado das gerações aborígenes desde o Registro até Pará!

No coração do povo mattogrossense ha uma corda sensível, que, sempre ao lembrar o insigne e venerando nome do abnegado discípulo do immortal D. Bosco, D. Antonio Malan, vibra altisonante para render-lhe o preito de justa e merecida gratidão pelo muito que S. Ex. vem fazendo de ha annos, em prol do bem estar dos nossos irmãos que habitam nessas frendosas mattas, chamando-os ao gremio da Igreja e portanto ao conchêgo da civilização.

Os nossos votos são para que o Revmo. D. Malan tenha sempre as benções de Deus porque já possui a deste povo, que o estima e respeita como um benefactor.

Salve, ó Prelado das selvas!

Des. do João Carlos P. Leite.



D. MALAN

—possuindo um caracter nobre alliado a uma energia calma intelligentemente dirigida, n'uma selecção perfeita de oportunidade, como condição segura de successo na lucta a que se entregou quando se impoz a realização dessa obra notavel que tanto vem distinguindo a Missão Salesiana no scenario da vida mattogrossense, dia a dia torna-se maior credor da nossa admiração e de nosso acatamento.

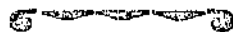
Exímio batalhador da grande causa dos nossos selvagens amparado nos seus principios da Religião percorrendo, na sua peregrinação

constante, as difficéis estradas dos nossos sertões com a mesma gallardia com que passeia o tombadillo dos grandes e confortaveis transatlânticos—penetrando a *taba* dos Boríros com a mesma sobranceira com que entra nos ricos e nobres salões das mais altas autoridades civis ou religiosas—é sempre um vencedor.

Exacto no cumprimento dos seus deveres, distinguindo-se sempre pela continuidade no trabalho e pela correção no proceder—D. Malan tem traçado em linhas nitidas o alcance de suas aptidões e a afirmação do seu caracter nobre.

Agora que volta a Cuyabá galardoado, tão justamente, com as altas insignias de Bispo de Amiso, é justo que receba nossas saudações.

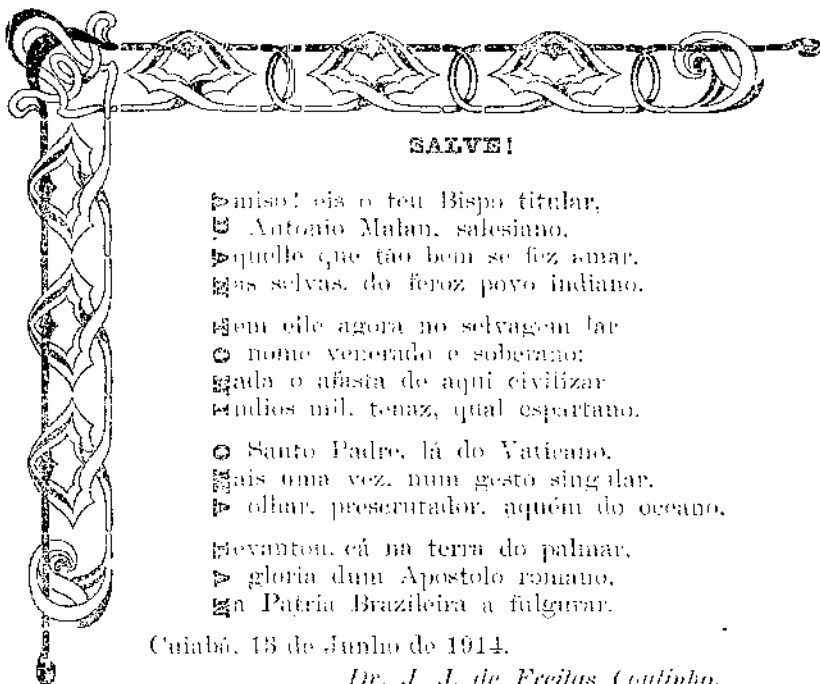
DR. OSCAR COSTA MARQUES,
Deputado Federal.



D. MALAN

A cooperação benéfica exercida pelo Sr. D. Malan no desenvolvimento moral e material de Matto-Grosso é um facto incontestavel.

Para attestar a acção proficua da Missão Salesiana inspirada por seu espirito perseverante e infatigavel, ahí estão o Collegio Salesiano onde se têm habilitado nas lettras e nas artes muitos jovens mattogrossenses, abastados ou não; as colonias indígenas fundadas nos nossos sertões do leste; os campos de demonstração do Coxipó e Palmeiras e os estabelecimentos de ensino de Corumbá. Por esses serviços tem o illustre sacerdote conquistado o carinho e a admiração de todos quantos se approximam da sua util e sympathica individualidade e se interessam pelo porvir do Estado. Dahi a



SALVE!

Amiso! eis o teu Bispo titular,
 O Antonio Malan, salesiano,
 Aquelle que tão bem se fez amar,
 Nas selvas do feroz povo indiano.
 Fêz e elle agora no selvagem lar
 O nome venerado e soberano:
 Fêz da o afasia do aqui civilizar
 Índios mil, tenaz, qual espartano.
 O Santo Padre, lá do Vaticano,
 Mais uma vez, num gesto singular,
 A altur, prescritador, aquém do oceano,
 Levantou, cá na terra do palmar,
 A gloria dum Apostolo romano,
 Na Pátria Brasileira a fulgurar.

Cuiabá, 13 de Junho de 1914.

Dr. J. J. de Freitas Coutinho.

Procurador Geral do Estado.

justa homenagem que-lhe é hoje prestada pelo povo, ao se apresentar em Cuiabá distinguido com a Prelazia do Araguaia e a cruz de Bispo titular de Amiso.

B. C.

D. ANTONIO MALAN

O PASTOR DAS SELVAS

Não é destituída de fundamento essa expressão, nascida n'um momento de inspiração, quando em seus primórdios, eu apreciava a acção heroica e dignificadora do intemerato conquistador das terras dos filhos de nossas selvas.

A zona que vai de Cuiabá ao A-

raguaya, era toda occupada e batida pela numerosa tribo dos borôros, cujas correrias punham em sobresalto os viandantes, e mantinham estéril e inhabitável esse vastíssimo território, então completamente deserto e inculto.

Levar a concordia e a paz entre povos barbaros e nomades, arrastal-os ao gremio da civilização e aproveitá-los na produção de que seriam capazes, constituía um problema de tão grande importancia social, politica e economica, que não havia ali um espirito verdadeiramente patriota que não pensasse maduramente em sua resolução.

Com Adolpho Blanque, sempre entendi que, esse problema seculares, por sua natureza complexo, só

se conservaria insolúvel enquanto a religião não lançasse mãos a elle; e tal era a segurança no seu resultado, que não faltou de minha parte, o maior enthusiasmo, desde o início da catechese ministrada pela Missão Salesiana, unica apparellhada para a realisação desse *desideratum*.

Desde o primeiro momento dessa obra humanitaria posta em pratica pelo Director da missão, vimos a esperanza de feliz exito, ante as provas do seu denodo na libertação de uma raça, que se affirmará pela cultura da intelligencia e pelo desenvolvimento affectivo de que é capaz, e pela pratica de uma religião tãda de amor e pureza.

Ao iniciador dessa alva meritória accrescentei o singelo e significativo titulo de *Pastor das selvas*.

A esse novo Anchieta dos nossos dias, estava reservada a gloria de ver, como producto dos seus ingentes esforços e sacrificios, a transformação, por que vae passando aquella zona, para onde afflue hoje uma população sobria e condensada já, no seu Município do Registro do Araguaya, promettedor do maior desenvolvimento e progresso.

O sertão como que fuge diante dessa columna de evangelizadores da palavra de Deus, que vai vencendo palmo a palmo, nessa cruzada santa pela maior proliferação espiritual da caridade christã.

Bafejada pelas auras bonançosas da paz, vão surgindo dia a dia novas conquistas dos gentios em demanda do pão espiritual, ministrado sem cessar pelos heroicos filhos de D. Bosco, e os méros albergues, vão se transformando em colonias e estas em verdadeiros buggos de actividade e producção, pelo ensino de ar-

tes e officios, nas variadas necessidades da vida.

Era de prever que, a esses ingentes esforços, viesse lançar as vistas o Summo Pontifice Pio X, creando a Prelazia do Registro do Araguaya, e elegendo como o seu primeiro pastor, o mesmo que a Divina Providencia destinára para naquelles sertões operar verdadeiros milagres.

Desçam-lhe do Alto as benções no momento em que, aqui na terra beijamos as mãos do emerito Bispo titular de Amiso D. Antonio Malan, o infatigavel *pastor das selvas*.

União, 13-6-1913

Des.^{das} COSTA RIBEIRO.



D. ANTONIO MALAN

Bispo de Amiso

Por communicação de Roma, tivemos a gratissima nova da elevação deste insigne Missionario, em Matto Grosso, à sede episcopal de Amiso, com jurisdicção no Registro do Araguaya, em nosso Estado.

Este acto do S. Santidade é um justo reconhecimento dos inestimaveis serviços prestados pelo grande catechista matto-grossense, no longo periodo de vinte annos, jamais interrompido; é um nobilitante attestado da grande virtude do portentoso obreiro, que com inauditos sacrificios tem conseguido fundar no Estado importantes estabelecimentos urbanos e rurales, de ensino primario, secundario, de artes e officios, agricola, pastoril; de importantes colonias indigenas, de observatorios astronomicos, em todos os quaes reinam a ordem, o progresso.

Qual novo D. Bosco, S. Exc. é um Apostolo do Bem.

Sempre llamo e accessivel a todos,

a actividade do caritativo sacerdote é prodigiosa.

A tudo attende com carinhosa solicitude, desvelando-se pela grande nação aborigene dos Boróros, onde ha colhido tanta messe.

Assim, essa nomeação é um merecido galardão aos seus meritos.

Nós que consideramos como primeira virtude o trabalho pelo Bem da Humanidade, no dizer de uma maxima latina, nós que acompanhamos desde o seu inicio o evoluir da bemfazeja Missão Salesiana nesta parte do Brazil, não podemos deixar de apresentar ao Revm. Sr. Bispo de Amiba, as nossas singelas homenagens, os nossos hosannas pela nomeação que acaba de receber do Summo Pontifice e aqui o fazemos respeitosamente.

Cuyabá, 13--6--1914.

M. ESCOLASTICO VIRALIXIO,
Deputado Estadual.



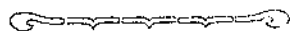
BENVINDO SEJAES!

Hoje, n'um fremito desuzado, traz-nos, alegremente, a briza que, perpassando a alma e o coração do povo cuyabano--murmura doce, suave e fagueiramente--aos nossos ouvidos, a palpitante e meiga nova do regresso á esta cidade, do infatigavel civilizador dos fillos das nossas selvas.

Benvindo sejaes, D. Antonio Malan, Bispo do Araguaia!

Cuyabá, 13--6--1914.

Victal de Araújo,
Deputado Estadual.



D. ANTONIO MALAN

Convidado a prestar uma pequena contribuição para esta pagina.

venho desobrigar-me do compromisso que tomei o que faço com tanto maior satisfação, quanto é certo que a mesma pagina representa uma justa homenagem ao infatigavel Inspector da Missão Salesiana, o Exm. e Revm. Padre Antonio Malan, hoje Bispo da nova Prelazia do Araguaia.

Acaba S. Exc. Revma. de regressar ao seio d'este povo cuyabano, acostumado a apreciar-lhe as grandes virtudes como sacerdote, a par da sua natural bondade de coração e maneiras captivantes para com todos os que d'elle se approximam.

E, na verdade, o Exm. D. Malan, que convive connosco ha vinte annos, tem sabido attrahir os corações cuyabanos, sendo por isso alvo da sympathia e amizade de todos os habitantes desta capital.

Os seus reaes merecimentos lhe valeram a elevação á dignidade de Bispo, que não foi senão uma recompensa mais que justa dos seus muitos e grandes serviços como chefe da Missão Salesiana, neste Estado.

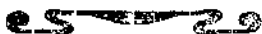
A extraordinaria prosperidade a que ella tem attingido entre nós, onde já conta diversos e importantes estabelecimentos, dá pleno testemunho do quanto o Exm. D. Malan tem trabalhado, desde que aqui chegou, pelo desenvolvimento da mesma Missão, que em boa hora lhe foi confiada.

A S. Ex. Rev.^{ma}, pois, meus sinceros parabens pela merecida distincção que acaba de receber; bem como aos Rev.^{dos} Padres Salesianos e aos habitantes da nova Prelazia do Araguaia; áquelles por ter a escolha do Santo Padre recaído na pessoa do seu digno e querido chefe, neste Estado, e a estes por se verem, dentro em breve, dirigidos, no espirital, por um amavel e bondoso pastor,

que certamente ha de ser o Exm. e Rvm. D. Antonio Malan.

13 de Junho de 1911.

J. M. DA SILVA PEREIRA,
Director do Lyceu Catalão.



D. ANTONIO MALAN

Dentre os filhos adoptivos desta grande Patria, Augusto Leverger fôra até ha pouco, um inegalavel na historia de Matto-Grosso.

Com o decorrer de alguns lustros, porém, quando a sua fama estava feita, eis que surge um outro espirito superior, a engrandecer esta terra—o sublime missionario salesiano—P. Antonio Malan, hoje Bispo de Amiso.

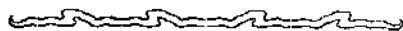
E, coincidencia notavel, ambos são filhos da França, da sempre gloriosa França.

Como filho extremoso de Matto-Grosso, meu coração exulta de contentamento pela distincção que a Santa Séacaba de conferir ao P. Malan, elevando-o á dignidade de bispo de Amiso pelos serviços prestados á causa da civilisação com a catechese dos indios, da qual tem sido presentemente o maior apostolo entre nós.

Salve, novo Anchiera! Salve D. Malan!

Catalão, 13 de Junho de 1911.

Dr. Francisco Muniz.



D. ANTONIO MALAN

Si, como dizem os poetas, a natureza se associa de certa maneira ás alegrias humanas, ao ouvir os filhos e fortes gritos dos seus filhos queridos acclamando tua nomeação episcopal, estremeceram por certo

os sertões de Leste, e a aragem oxygenada da serra cantou indubitavelmente hymnos mais festivos nos esbeltos ramos dos altivos palmares.

D. Antonio Malan Bispo!... e Bispo dos Indios!...

Gesto sublime e carinhoso vem lá de Roma, a alma mater das nações; sublime e carinhoso como o coração grande e terno do venerando ancião, Pio X, o successor de Pedro.

Sublime, sim, o gesto que corôa a fronte do triumphador com o louro inmarcescível da victoria: *fugite partes adversae, rictu leo de tribu Juda!*...

Carinhoso também, e quanto! pois Roma, que é mãe, não quiz, após vinte annos de trabalhos e suores, derramados no campo do apostolado, separar cruelmente o zeloso missionario desses aborígenes amados, aos quaes elle abriu a preço de que sacrificios, Deus bem o sabe, o caminho do céu e da civilização.

D. Antonio Malan, Bispo!... e Bispo dos Indios!

Não é só o sertão que estremece, Matto-Grosso inteiro exulta porque vê concedida a quem mil vezes a mereceu a suprema recompensa. Ao Brazil inteiro muito bem o vão dizer adestradas pennas de politicos e de litteratos, de poetas e de jurisconsultos. Porém deixa, que humildemente venha um irmão e patriocio abraçarte com sincera admiração e particular affecto.

E sincera a minha admiração porque, tanto debaixo do meu burel de frade, discano como sob tua roupeta de salesiano, palpitar corações com o mesmo enthusiasmo, o mesmo ideal: a gloria de Deus e a salvação das almas; e na conquista desse ideal eu venero em ti o abalisado mestre e o illustre vorerano.

E o meu abraço tem um particu-

BOAS VINDAS

*Como um triunfador ao regressar das lides,
por entre as orações de todo seu paiz,
trazeis hoje na fronte os louros estellares
deste povo que vos venera e vos bendiz...*

*Synthesizando assim tantos annos de glórias
vos sois neste momento, a grande encarnação
do labor cardeal em firmadas victorias
na evangelização das gentes do sertão.*

*O vosso episcopado é uma auréola, um estemma
consagrando uma vida inteira de labor;
deveis ter do sertão as astros por diadema,
ellos que tanta vez filastes com amor.*

*Apostolo da selva, egreja missionario,
neste momento eu vejo as tribus vos saudar,
e aqui, e mais além, um hymno extraordinario
de canticos de amor e carinho vibrar.*

*São os barões, são vossos filhos queridos
pelos quaes trabalhades com tanto zelo e afan
são os pobres tambem, os vossos descalçados
e é toda esta cidade, ó caro D. Malan,*

*todos que vêm em vós o inclito pioneiro
de arancados ideais de trabalho e de amor;
e, entre o carinho e amor dum povo todo inteiro,
bendindo sejam vós, audaz trabalhador!*

DR. JOSÉ DE MESQUITA

13 - Junho 1911

lar affecto: é um amplexo mais saudoso porque nesta longinqua patria de adopção onde vivemos e trabalhamos por especial vocação, me ufano de abraçar um patrio, um filho da generosa Nação que deram pelo mundo com munificencia real as flôres do sacrificio e do cavalheirismo: o missionario e o soldado. Matto-Grosso foi bem aquinhoador

de teve Leverger e tem D. Malan.

Eulogio, pois, sobre o teu peito a cruz de ouro dos Pontifices, que igualmente será acclamada pelos civilizados e os teus caros aborigenes.

E si, humilde filho de D. Bosco, na sombreado santuario, tu pensas ás vezes, nessa outra cruz pozada como o madeiro do Calvario -- a cruz da responsabilidade -- lembra-te

que os teus irmãos no santo sacrificio, todos os catholicos em suas orações, como outros tantos Cyríneos, hão de ajudar-te, pedindo a Deus para o Bispo dos Indios um longo e fructuoso pontificado.

Quanto aos detractores dos teus trabalhos apostolicos, deixa-os, são os mesquinhos ou perversos: em tua vida, são elles as sombras que põem em destaque as tuas admiraveis obras de verdadeira catechese. Lança sobre elles umas das tuas primeiras bençãos, ó Ungido do Senhor.

ERET AMBROSIO DAVIDE.

Redactor da "A Cruz".



D. ANTONIO MALAN

Proclamar, bem alto, os merecimentos dos que se dedicam, sem temor e sem vangloria, á obra gigantesca e meritória da civilização do gentio, é um dever que se impõe a todos que assistem attentos e cuidadosos, ao desenrolar dos acontecimentos patrios.

Por isso, com summo contentamento, juntamo-nos á phalange d' aquelles que, sentindo pulsar no peito o enthusiasmo pelos alevantados cometimentos dos benfeitores da humanidade, vêm depor aos pés dos grandes e abnegados vultos, as flôres do respeito e da gratidão.

No Exmo. e Rvmo. Sr. D. Antonio Malan, digno filho de D. Bosco, na sua humildade e na sua dedicação ao bem, concretizam-se todas as energias dos que lutam pela verdade contra as trevas: dos que pugnam pela grandiosa obra da salvação das almas contra o materialismo fanático e ganancioso dos obreiros do mal; dos que combatem á sombra da cruz de Christo, para enaltecer a Egreja de Pedro, contra a

qual não podem revalecer as portas do inferno.

Salve; apostolo do bem!

Cuiabá 12—6—1914

DR. CARLOS SALLABERRY

Solenne recepção de S. Exc. Revma. o Sr. D. Antonio Malan

Apenas soube-se ao certo na Capital o dia da chegada de S. Exc. Revma. o Sr. Bispo eleito de Amisso, um avultado numero de distinctissimos cavalheiros, espalhou profusamente por entre as Exmas. Famílias Cuiabanas o seguinte boletim: «Cuiabanos! Com o mais lidimo enthusiasmo cívico vos comunicamos que vai chegar hoje a esta capital, Sua Exc. Revma. o Sr. D. Antonio Malan, D. D. Bispo eleito de Amisso e Prelado do Araguaia.

Este nome que, ha 20 annos perpassa aureolado de veneração e cáldido de sympathias, pelos labios de todo bem nascido mattogrossense, resume, inteira, em si uma odysseia de duras provações, heroica perseverança e incessantes peregrinações de propaganda em prol do nosso Estado.

Desque em 1894, humilde bandeirante do christianismo, pisára as nossas remotas praias, não teve limites a sua dedicação, zelo e carinho pelo engrandecimento material, intellectual e moral deste idolatrado torrão, que adoptára por segunda patria.

Fund. do os conceituados collegios salesi, nos de instrucção primaria e secundaria desta cidade e de Cuiabá, creando as primeiras e unicas Escolas agricolas do Estado no Coxipó e em Palmeiras, tracando por entre virgens mattas, os alicer-

ces das actuaes povoações indígenas do Sangradouro, Barreiro e Gargas, cruzando innumeráveis vezes em penosas viagens o sertão inhospito, peregrinando não raro pelos paizes do antigo e novo mundo, para humildemente esmolhar em benefício destas suas caras missões, S. Exc. o Sr. D. Malan conquistou brilhantemente o glorioso título de Apostolo, com que o sagrou a admiração do nosso povo.

Graças a essa abnegação e actividade mais unica do que rara, pôde D. Malan, auxiliado pelos seus dignos compatriotas, tornar-se em tão curto-lapso de tempo, o pai desses milhares de discípulos, nossos patriotas, que, sabidos das aulas salesianas, honram hoje a Família e a Patria: a elle compete hoje, de pleno direito, o cognome de Apostolo dos Doradores: a elle finalmente a gloria de ter formado o primeiro Bispo mato-grossense, que é, ao mesmo tempo, o primeiro Bispo não italiano de toda a Congregação Salesiana, que, entretanto, de ha muito conta entre os seus membros, muitas centenas de filhos de quasi todas as nações.

A mitra, portanto, que das alturas do Vaticano, desce hoje a condecorar-lhe a veneranda fronte, alligura-se-nos um complemento tão justo e natural, como a flor que corôa o vigo exuberante da planta, ou a espuma que corôa a actividade indefessa da vaga.

Cuiabanos!

Vós, que a nenhum outro povo daes a palma na hospitalidade e gratidão, estamos certos: accorremos, numerosos e festivos, a levardes ao preclaro Antistite, de accordo com o intrascripto programma, a manifestação dos vossos nobres sentimentos.

Nesse sentido fazemos caloroso

appello aos nossos prezados concidadãos e Exms. Famílias, á nossa brisa matutina, ás associações e escolas desta cidade, em uma palavra, a todo o nosso generoso povo, ao qual antecipamos os mais sinceros agradecimentos, certos de que será por todos entusiasticamente acolhido este nosso convite.

Cuiabá, 11 de Junho de 1914.

Joaquim Pereira Pereira Mendes — João da Costa Marques — Joaquim Carneiro Peixoto de Azevedo — João Carlos Pereira Leite — Antonio Manoel Moreira — Mons. Bento Severiano da Luz — Oscar da Costa Marques — Manoel Escobar — Virgílio — Estelão Alves Corrêa — Julio Muller — Vital de Araújo — João Pinto de Almeida — José Julio de Freitas — Continho — Pedro Celestino Corrêa da Costa — Miguel Vicente de Abreu — Antonio Pinto de Souza Leque — Pedro Augusto de Araújo — Luiz da Costa Ribeiro — Frei Ambrosio Dagdô — Decretório do Santo Menes — Francisco Menezes — Frederico Landoa — Padre Aquino Corrêa.



A imprensa Cuiabana á S.
Exc. Revma. D. Antonio Malan.

Reproduzimos em nossas páginas quanto publicaram os principaes periodicos da nossa Capital ao noticiar a elevação do P. Antonio Malan a Bispo de Amiso e Prelado do Araguaia.

« Por telegramma particular sabemos ter sido elevado á dignidade episcopal, o revmo. sr. padre Antonio Malan, director geral dos Salesianos em Matto-Grosso.

A grata noticia foi geralmente recebida com sympathia pelo povo mato-grossense que, no prelado, vê

um sacerdote digno e illustrado e um propugnador tenaz da catechese, na qual tem prestado ao nosso Estado valiosos e relevantes serviços.

A sua obra, nesse sentido, é de todos conhecida e apreciada em toda a vastidão do territorio brasileiro.

A séde do novo bispado mattogrossense será Registro do Araguaya.

Congratulando-nos com o clero e catholicos deste Estado, levamos ao distincto sacerdote os nossos parabens pela honra com que vem de ser distinguido por sua Santidade o Papa Pio X.»

(D' O Debate)

«Tivemos a gratíssima noticia de que o nosso mui distincto e illustrado amigo, Revmo. P. Malan, foi distinguido por S. S. Pio X com a nomeação de Bispo de Amiso, encarregado da nova Prelazia do Araguaya.

Essa honra bem merece a o esforço missionario salesiano pelos seus gloriosos e admiraveis trabalhos em prol da Religião e da Patria Brasileira, na catechese dos Boróros pelos invios sertões deste vasto Estado.

Essa nomeação e mais a do illustre D. Aquino Corrêa, recabidas em dois benemeritos da Missão Salesiana em Matto-Grosso, bem mostra a importancia dos serviços dessa operosa Congregação nesta parte do Brasil e do Universo christão. A grande e respeitavel Congregação Salesiana possui notaveis estabelecimentos de ensino em diversos paizes e varios em cada um destes. Até hoje são sete os Bispos, sahidos da Congregação, e desses, 2 da circumscripção em o nosso Estado. Isto quer dizer que a catechese dos

silvicolas tal como é feita, merece a admiração da Europa e o ensino que se ministra nos seus collegios neste Estado, pela somma enorme de sacrificios que tem custado tem chamado a attenção do Vaticano.

Tantos incentivos e tantas justas glorias devem animar os incansaveis e destemidos obreiros do progresso mattogrossense e nós daqui abraçamos o estimado amigo P. Malan, felicitando-o cordialmente e á toda a benemerita Missão Salesiana.»

(D'A Cruz)

«Foi aqui jubilosamente recebida a agradavel noticia de ter sido elevado á dignidade episcopal com jurisdicção em Prelazia destacada desta archidiocese o incansavel catechista Salesiano Revmo. Padre Antonio Malan.

Matto Grosso precisa de pioneiros, e S. S. o Papa Pio X que tem lançado sobre elles os seus olhares, tem sabido escolher aquelles que nelle devem alargar o reino de Christo.

O *Echo do Poro* saúda effusivamente o ardoroso apostolo pela grande honra que lhe acaba de ser conferida.»

«Chegou a esta capital, no dia 11 do corrente, o Exmo. e Revmo. Sr. D. Antonio Malan, Bispo de Amiso e Prelado do Araguaya.

Conforme convite previo, a sua recepção foi condigna aos seus altos meritos e veio demonstrar o quanto é estimado por esta sociedade o illustrado sacerdote.

Distinctos cavalheiros da nossa *elite* social foram ao seu encontro, no Coxipó da Ponte, acompanhando-o até o Lyceu Salesiano. No alto do Areão, enorme massa de povo

aguardava a sua chegada, acompanhando-o também até o referido Lyceu.

No seu trajecto e neste estabelecimento, diversos oradores se fizeram ouvir, dando-lhe as boas vindas e pondo em relevo os relevantísimos serviços que, ha vinte annos, vem prestando ao Estado, com a maior abnegação, sem medir sacrificio de especie alguma.

A's festivas manifestações de alegria tributadas pela população desta cidade ao inclyto Prelado, justamente premiado com a sua elevação á dignidade Episcopal, associamos as nossas, dando-lhe as boas vindas e felicitando-o por esse motivo.

(Da *Gazeta Official*)

Soleenne Recepção

Presenciamos, quinta-feira, 11 do fluente, a um d'esses espectaculos grandiosos e nos quaes reina, soberano, o generoso enthusiasmo, caracteristico do nobre povo matto-grossense. Logo pela manhã fôra espalhado um bem lançado boletim firmado por distinctos cavalheiros de nossa melhor sociedade, os quaes sem distincção de partido, convidavam o povo todo a ir encontrar junto ao cruzeiro do Areão S. Exc. Rvma. D. Malan, ultimamente eleito pela S. Sé, Bispo de Amiso e Prelado do Araguaya.

E o povo sempre justo julgador dos merecimentos, soube corresponder de maneira digna á expectativa dos signatarios do convite.

A's 5 horas, quando S. Exc. acompanhado de setenta e mais cavalheiros, chegou do Coxipó, onde pernoltára, ao lugar marcado, foi estrondosamente aclamado pela multidão e recebeu as saudações do

povo cuiabano pela bocca do seu interprete, o distincto dr. José Julio de Freitas Courinho, d. d. Procurador Geral do Estado, que em seu bello improviso soube admiravelmente saudar o Apostolo dos nossos sertões.

D'ahi até ao Lyceu Salesiano S. Gonçalo. S. Exc. Rma. foi delirantemente aclamado tendo sido varias vezes saudado por distinctísimos oradores, entre os quaes o Dr. Carlos Sullaberry, em nome da mocidade catholica. As principaes ruas por onde o grandioso prestito passou estavam caprichosamente ornamentadas de arcos e flôres, bandeiras e gallardetes aos mil, e primorosas inscripções penduradas ás paredes das casas. E tudo isto collimava saudar o inclyto Anchieta Salesiano, cuja vida é uma abnegada peregrinação constante em prol dos nossos irmãos silvicolos.

Em chegando S. Exc. ao Lyceu, o intelligente quintannista José Lavaquial assim o saudou:

Exm. e Rvm. D. Antonio Malan
Sêde bemvindo!

Ao chegardes a este Lyceu depois de tão longa e saudosa ausencia, um fluído de enthusiasmo perpassa em nossos juvenis corações.

Si os muros e porticos deste Estabelecimento convertem-se em tantas boccas a proclamar bem alto o vosso nome abençoado por todo um povo: si tudo aqui vibra, numa harmonia sublime, para festejar o benemerito Anchieta salesiano, con dignamente eleito Pastor dos nossos lidinos irmãos das florestas: é bem justo que exultemos nós, sim, que somos os vossos fillos e o objectivo constante dos vossos generosos desvelos.

Oh! briza da minha terra natal, de envolta aos teus doces batêjos,

leva esta minha nota debil e singela até ás ribanceiras do Araguaia, até ás cachoeiras do Aracy e Rio das Mortes, e lá, com as harmonias dos bosques, decanta pelos campos a fóra o nome de D. Malan, que, particularmente doravante é como o dedo da divina Providencia a apontar, num horisonte de luz, aos nossos infelizes aborigenes, a sua completa civilização e redempção!

Porisso, Excia., a mocidade deste Lyceu, que tão intimamente tem gozado dos vossos salutaros carinhos, regosija-se em extremo. E en, que interpreto, nest'hora, os seus sentimentos, vos desceiro esta modesta homenagem. E' a palavra simples dum coração sincero. E' a voz da gratidão e, como tal, não pôde ser senão eloquente. E vós que sabeis auscultar os palpites de nossos filiaes corações comprehendereis que o nosso entusiasmo é superior a toda expressão.»

S. Exe. Revma., o Sr. D. Antonio Malan, ao piazar nos amplas pateos do Lyceu Salesiano, foi saudado pelo nosso patricio Exmo. D. Aquino Corrêa que produzio inspirada oração, na qual enaltece os excelsos dotes do festejado, que lhe mereceram tão alta dignidade. Congratulou-se com os chefes politicos que sem distincção de partido, perante tão justo e nobre ideal, firmaram o entusiastico manifesto convidando o povo para aquella eloquente manifestação de apreço ao benemerito homenageado. Suas palavras, como sempre, suscitaram o entusiasmo de todos que delirantemente applaudiram.

Por ultimo S. Exe. Revma. D. Malan agradeceu a todos mostrando-se summaamente penhorado por aquella esplendida manifestação. Declinou-se captivo do nobre povo cui-

bano, a cujas sympathias e apoio, nunca desmentidos, attribue grande parte dos successos consoladores da catechese religiosa que formou e formará sempre o ideal inspirador das suas acções.

Implorando sobre todos copiosas bençãos de Deus finalizou a carinhosa oração por entre ampla salva de palmas. A solenne demonstração ao Exm. Sr. Bispo de Amiso veio mais uma vez pôr em sublimo relevo quão grandes sympathias a nossa sociedade, em peso, lhe dedica, e foi um solenne desmentido ás calumnias que um punhado de sectarios quizeram um dia levantar para desprestigiar a catechese religiosa, que hoje, como hontem, é a unica que pôde civilizar o selvagem, chamando-o ao conchego da civilização.

Prazeiteiramente unimo-nos ao nobre povo cuiabano para tributar os nossos louvores e o nosso apoio incondicional ao inelyto Bispo de Amiso D. Antonio Malan que é, sem duvida, um benemerito do Estado e da humanidade.

ESCOLA AGRICOLA "S. ANTONIO"

NO COXIPÓ DA PONTE

Realizou-se, a 13 do fluente, na Escola Agrícola dos R. R. P. P. Salesianos, no Coxipó, a festa de S. Antonio. Além de festejar o glorioso padroeiro, alumnos e salesianos quizeram homenagear a S. Exe. Revma. o Sr. D. Antonio Malan, que recem-chegado de sua excursão á Europa, via Goyaz, acaba de ser nomeado Bispo de Amiso e Padalo do Araguaia. E sob o duplo aspecto considerada, a festa não pôdia ser nem mais bella, nem mais completa. Não só o povo do florescente arrabalde, mas distinctissimas famílias cui-

banas foram dar realce a esplendida festividade.

O proprio Exm. Sr. Presidente do Estado lá passou familiarmente o dia dando destaque claramente a entender quão grande sympathia dedica á obra Salesiana, e quão vivamente compartilha das alegrias da mesma missão que vê assim tão merecidamente honrado, pela S. Sé, o seu preclaro Superior.

No panegyrico do Santo tecido com affectuosa eloquencia pelo P. Luiz Montuschi, vimos pelo conhecido orador traçado um parallelo entre S. Antonio, o missionario do seculo XIII, e o Padre Malan, o missionario do seculo XX. E suas palavras foram comprovadas pelas maravilhas que presenciámos durante o dia. Queremos dizer pelos resultados uberrimos da missão salesiana.

De facto, como já dissemos, toda a festa correu admiravelmente. Ao almoço, em que ao lado de S. Exe. o Sr. D. Malan, tomaram assento o Exm. Sr. Dr. Presidente do Estado, o seu digno Secretario do Interior, e varias outras autoridades e distinctissimos cavalheiros, o Exm. Sr. Bispo Auxiliar offereceu em carinhoso brinde uma significativa polyanthia, em a qual collaboraram mais altas autoridades do Estado, honrando o preclaro Apostolo dos irmãos, S. Exe. D. Aquino foi, duma inspiração sublime, scavelmente delicado e poetico.

Varios alumnos, representando os collegas, fizeram brindes entusiasticos; merecendo vivos applausos o sr. José de Moraes e Castro que garbosamente declamou a bella poesia *Pro Patria* da lavra do dr. Dinamerico A. R. Rangel, poesia queorna as paginas da nossa Revista.

Porém o que mais agradavelmen-

te nos impressionou foram os alumnos irmãos que formam quasi a totalidade dos jovens agricultores da dita escola, e que se apresentam tão correctamente ao publico. Foram as notas maviosas da sua banda, foi a compostura que nelles observamos em toda parte, o porte modesto e franco, correcto e delicado.

E quando á tardinha, antes da proceissão, S. Exe. Revma. o Sr. D. Malan, deu a conferencia regulamentar aos cooperadores salesianos, prestando-lhes conta do quanto seus irmãos salesianos perdidos nos sertões do Leste, praticam em prol da civilização e do progresso do Estado, nós todos abençoámos aquelles valentes que tão efficazmente cooperam ao engrandecimento da patria estremeada.

De lado as theorias absurdas, de lado os systemas e palavras de cathedra! E a pratica, e a vida civil, são os factos que nós queremos! E a pratica, a vida civil do gentio, e os factos são, até hoje, o resultado da catechese religiosa.

Bem haja a Missão Salesiana, bem haja o preclaro Bispo de Amiso pelos fructos uberrimos de seu zelo e vida abnegada. Nós lhe hypothecamos a nossa gratidão eterna, e o nosso incondicional apoio.

(Do *Echo do Povo*).

PRO PATRIA

Levar ao coração das selvas e quebradas
As luzes do saber p'ra ser aproveitadas
Riquezas colossaes:
Mostrar a impoerência das grandes cachoeiras
Dos nossos largos rios, das bellas corredeiras
E choramos minaes

Que pastam livremente no seio das serrões
Apresentar a matra e os longos chapadões
Do Brazilio torção:
Demonstrar que o indio que vive abandonado
E' um homem capaz de bem domesticado,
Tornar-se no co-fundador

E útil companheiro no desbravar valente
 A enorme mata virgem que junto da corrente
 Majestosa se ostenta;
 Ir fazendo pausar aos avidos olhares
 O marchar do progresso na terra dos palmares
 Embora em marcha lenta;
 Fazer claro sentir haver necessidade
 De converter o ermo em placida cidade
 De progresso e de luz;
 E bem servir a pátria. E mister grandioso
 Em prel do fulgurante futuro glorioso
 Da grande «Santa Cruz».
 Oh! Como entusiasmada, encantada e nobilitada
 A scena em que se ergue em majestosa lida
 A flora brasileira...
 Que bello e imponente ver despenhar-se altiva
 Em floes espumantes, de enorme rocha viva,
 Pujante cachoeira;
 Como canta nas afinas o marulhar sombrio
 Do grande, colossal e majestoso rio
 Perdido no sertão...
 Que fauna gigantesca! Que bellos exemplares
 Altivos provocando curiosos olhares
 Alli vivendo estão!...
 Como se reproduzem em quadros tão exactos
 O grande valor dos feitos, os corajosos actos
 De Anchieta e Malan;
 Este a viver na brehia, o selvagem guiando,
 Aquelle a fixar o marco primeiro venerando
 Desta urbs christi;
 Ambos representantes da doutrina do amor,
 Da paz e do progresso pregada no Thabor,
 Ha quasi dois mil annos;
 Ambos firmes na fé, ensinando a verdade.
 A luz, a creança, o bem, o amor e a caridade
 Em feitos sobrehumanos.
 Assim é que s'ensina o são peritismo
 E' assim que se mostra por acto de civismo
 A nobre patria amar;
 Indo ouvir palpar no seio das florestas
 Seu forte coração e mostrá-lo entre festas
 Ainda a palpar.

ALLOCUÇÃO (1)

Exm. e Rvm. Snr. D. Antonio
 Maria Malan, Bispo de Amiso.

Devedor de imperecedoura gratidão á Missão Salesiana deste Esta-

(1) S. Excia. Rvma. o Snr. D. Malan partiu de Curitiba aos 19 dias de Junho, em demanda de S. Paulo, onde recederá a 26 de Julho, pelas mãos de S. Excia. Rvma. D. José Azevedo, d. d. Nuncio Apostolico, a Sagração Episcopal.

Ao embarque, mais uma vez, pende o Rvmo. Snr. D. Malan, avulso a alta admiração que os matto-grossenses lhe dedicam. Acompanhado até a porto por grande multidão popular, varios oradores apresentaram-lhe saudosas despedidas.

Reproduzimos a allorção do distincto theologo Ezequiel R. de Siqueira, e a allorção de Lyren S. Gorgulho vibrante de cáldia sympathia e viva gratidão.

do, não me era licito deixar de fazer parte do côro panegyrico dos que vos entôam, nesta singularissima occasião, ovantes canticos por terdes sido corôado com as honras do episcopado. Rvm. Senhor, na vossa reconhecida modestia ficastes, talvez, surpreso quando soubestes do acto Pontificio que exornou o vosso peito de apostolo com o florão immorttal de principe da Igreja. Mas, a escolha não podia ser mais acertada nem melhor merecida. Vinte annos são decorridos dos que aportastes a esta Capital. Durante estes dois decennios, quão afanosa e quão proficua tem sido a vossa acção á testa dos Salesianos nesta vasta região centro-sul-americana! Superando todos os empecilhos oppostos á realização dos vossos sabios planos, curtindo, por vezes, amarguras que vos fazem lembrar a poção afeleada que a Jesus Christo fizeram tragar os ingratos Judeus, perègrinando incessantemente desta cidade aos nossos sertões, dalli á Capital Federal, e desta á Europa, em busca de mais recursos para incrementardes as obras salesianas, vos transformastes, aos nossos olhos, num indigente cuja memoria nunca se apagará nos annaes da Ordem Salesiana, e nos nossos corações. O vosso nome brillará com extraordinario fulgor nas paginas mais gloriosas de nossa Historia, como o de S. Francisco Xavier na historia indiana!

Parti, pois, Rvm. Senhor, ide receber o habito prelaticio que conquistastes pelos vossos meritos.

Deus vos conceda prospera viagem e vos reconduza triumphante á Curitiba!

Aqui ficamos anciosos por vêr-vos de novo entre nós lutando pela expansão do reino de Christo.

Voluae, pois, sem tardança para

proseguirdes na dignificante carreira apostólica. Nada temeis. Os adversários da vossa santa causa nada poderão contra vós. Excm. e Revm. Senhor; pois, já contes, nesta terra, com um exército em vosso favor: as principaes autoridades, os cooperadores salesianos, os silvícolas que catechizastes, todos estão ao vosso lado. E, finalmente, nos vossos ex-alunos reconhecidos tendes uma intrepida phalange de voluntários da morte disposta a quaesquer sacrificios para defender-vos.

Viva D. Antonio Malan!

DOS NOSSOS SERTÕES

A nossa distincta collega "A Cruz", publicou em n.º 179, um bello artigo vibrante de enthusiasmo, artigo que vem mais uma vez pôr em relevo os sazonados frutos que a catechese religiosa vai colhendo nos sertões do nosso futuro Estado. Reproduzimos o artigo, pois, mostra o quanto esses obscuros missionários são benemeritos da civilização, e é a prova mais eloquente do quanto o abnegado Padre Antonio Malan, em boa hora, pela S. Sé, nomeado Bispo da Prelazia Apostolica do Araguaya, tenha feito em prol do nosso futuro Estado.

« Com muito prazer registramos no lugar conveniente, o telegramma que o Excm. e Revm. D. Antonio Malan, Bispo eleito de Amiso e Prelado do Registro (Araguaya) de viagem para esta Capital, remetteu, no dia 30 de Maio p. p., ao Excm. e Revm. D. Carlos Luiz d'Amour, Arcebispo Metropolitano.

Esse telegramma constitue mais um documento incontestavel da efficacia da catechese religiosa, é mais um triumpho da Missão Salesiana

que de ha varios annos vai consagrando as suas melhores energias em prol da obra humanitaria da civilização dos indigenas.

A' testa desses obscuros obreiros do bem e do progresso que, de encontro a mil obstaculos e destituídos de todo recurso material, vão lá na solidão dos bosques, conquistando braços fortes para a Patria e almas para Deus, destaca-se o vulto do Anchieta Salesiano, o Padre Malan, espirito de iniciativa, caracter de escôl, verdadeiro prodigio de actividade e tenacidade no trabalho. Elle vem trazer-nos, pois, do coração das florestas, uns palpites de enthusiasmo dos neophyts da civilização que, transfigurados pela fé, já começam a gozar dos beneficos influxos do progresso.

A' vista de tantos e tão assignalados serviços que o preclaro Sacerdote vem prestando á Religião e a Patria, como uma condigna recompensa, acaba elle de ser providencialmente eleito o 1.º Bispo dos mesmos fillos das florestas, por cuja regeneração social e religiosa gasta as suas forças e suores apostolicos.

Sorriem-nos as mais fagueiras esperanças de que, para o futuro, possamos ver incorporada a nossa sociedade toda a immensa raça dos nossos infelizes aborigenes. O sandedoso Bispo de Tripoli, D. Luiz Lasagna, deu começo á obra; e o Bispo eleito de Amiso irá consummal-a, prestando, deste modo, um dos mais relevantes serviços ao Estado e á Igreja, mediante a conquista dum povo selvagem á luz da Fé e da civilização.

Cumpre-nos dar os nossos parabens á benemerita Missão Salesiana neste Estado, condignamente representada na pessoa do seu caro Inspector, D. Antonio Malan, a

quem, com desvanecimento cumpri-
mentamos, fazendo votos pela sua
prompta chegada entre nós. »

Eis o telegramma a que allude o
artigo :

Presidente Martinho, 10.

Exmo. Sr. Arceliso.

Prazeiteiro communico V. Exe.
que inspecionando Colonias Garças,
Barreiro, Sangradouro, constatei sen-
sível consolador progresso moral ma-
terial. Encerramos festivamente
hoje mez Mariano realizando 77 ba-
ptisados adultos incorporando socie-
dade mais 35 familias religiosamen-
te constituídas inclusive cinco influ-
entes chefes tribu. Reina demais in-
digenas colonias vehementes dese-
jos incorporação. Lastimamos não
poder admittir falta recursos maior
numero solicitantes oprimamente
dispostos.

Respeitosas saudações.

PADRE MALAN.

**Telegrammas e felicitações á
S. Exca. Revma. o Snr. Bispo de
Amiso**

Para a nossa redacção, que sem-
pre julgou o Revmo. Sr. P. An-
tonio Malan, o primeiro entre quan-
tos desinteressadamente labutam
para o progresso material e moral
de Matto Grosso, a sua merecida no-
meação; se nos atigura a mais jus-
ta recompensa a seus extraordiná-
rios merecimentos.

A tenacidade de S. Exe. nas re-
soluções tomadas, a constancia inex-
cedível em excogitar sempre novos
meios, e o éxito esplendido que ca-
racterizam suas obras de zeloso e
exemplar filho de D. Bosco, aureo-
lam-lhe a encanecida fronte, e fa-
zem com que todos o julguem um
benemerito da civilização e da re-

ligião em Matto Grosso. Porém co-
mo prova que estes altos e despre-
tenciosos conceitos não são motiva-
dos pela elevada admiração que lhe
dedicamos, mas emanam naturaes
das acrysoladas e multipas virtu-
des de S. Exe., e traduzem a opini-
ão que, ácerca d'elle, formam quan-
tos tem a felicidade de conhecê-lo,
damos á publicidade uns dos nume-
rosos telegrammas que eminentes
pessoas lhe enviaram, felicitando-o
pela merecida nomeação; pezarosos
tão só, de que o pouco espaço, nos
obrigue a fazer uma resumida selec-
ção.

Rio, 20—6—14

Prazeiteiro communico S. Padre
origiu prelatura *nullus* Registr. no-
meando V. Exe. Bispo titular Ami-
so.

Nuncio.

Rio, 19—6—14.

Agradeço preciosa communicação
congratulo-me V. Exe. confiança
S. Padre, desejo longo fructuoso e-
piscopado.

Cardenal Arcoveide.

Cuiabá, 2—6—14.

Recchi viva satisfação noticia
vossa muito digna e justa nomeação
para Bispo titular Amiso jurisdicção
na Prelazia do Araguaya, e da entra-
da para o seio da sociedade christã
de mais 35 familias de Boróros re-
ligiosamente constituídas inclusive
cinco chefes influentes. Por estas
noticias vos envio sinceras felicita-
ções e mui cordiaes saudações.

Costa Marques

Presidente do Estado.

Goyaz, 2—6—14.

Folgo muito noticia telegramma
V. Exe. progresso civilização silvi-
colas incorporados colonias sob vos-
sa competente direcção. Congratu-

quem, com desvanecimento empri-
mentamos, fazendo votos pela sua
prompta chegada entre nós. »

Eis o telegramma a que allude o
artigo :

Presidente Martinho, 10.

Exmo. Sr. Arcebispo.

Prazeiteiro communico V. Exe.
que inspecionando Colonias Gargas,
Barreiro, Sangradouro, constatei sen-
sível consolador progresso moral ma-
terial. Encerramos festivamente
hoje mez Mariano realizando 77 ba-
ptizados adultos incorporando socie-
dade mais 35 familias religiosamen-
te constituídas inclusive cinco influ-
entes chefes tribu. Reina denais in-
digenas colonias vehementes dese-
jos incorporação. Lastimamos não
poder aduittir tanta recursos maior
numero solicitantes optimamente
dispostos.

Respeitosas saudações.

PADRE MALAN.

**Telegrammas e felicitações á
S. Exca. Revma. o Sr. Bispo de
Amiso**

Para a nossa redacção, que sem-
pre julgou o Revmo. Sr. P. An-
tonio Malan, o primeiro entre quan-
tos desinteressadamente labutau
para o progresso material e moral
de Matto Grosso, a sua merecida no-
meação; se nos afigura a mais jus-
ta recompensa a seus extraordiná-
rios merecimentos.

A tenacidade de S. Exe. nas re-
soluções tomadas, a constancia inex-
cedivel em excogitar sempre novos
meios, e o exito esplendido que ca-
racterizam suas obras de zeloso e
exemplar filho de D. Bosco, aureo-
lam-lhe a encameçada fronte, e fa-
zem com que todos o julguem um
benemerito da civilização e da re-

ligião em Matto Grosso. Porém co-
mo prova que estes altos e despre-
tenciosos conceitos não são motiva-
dos pela elevada admiração que lhe
dedicamos, mas emanam naturaes
das acrysoladas e multiplas virtu-
des de S. Exe., e traduzem a opini-
ão que, ácerca d'elle, formam quan-
tos tem a felicidade de conhecê-lo,
damos á publicidade uns dos nume-
rosos telegrammas que eminentes
pessoas lhe enviaram, felicitando-o
pela merecida nomeação; pezarosos
tão só, de que o pouco espaço, nos
obrigue a fazer uma resumida selec-
ção.

Rio, 20—6—14

Prazeiteiro communico S. Padre
engin prelatura *nullius* Registro no-
meando V. Exe. Bispo titular Ami-
so.

Nuncio.

Rio, 19—6—14.

Agradeço preciosa communicação
congratulo-me V. Exe. contiança
S. Padre, desejo longo fructuoso e-
piscopado.

Cardal Arcoverde.

Cuiabá, 2—6—14.

Recebi viva satisfação noticia
vossa muito digna e justa nomeação
para Bispo titular Amiso jurisdicção
na Prelazia do Araguaya, e da entra-
da para o seio da sociedade christã
de mais 35 familias de Boróros re-
ligiosamente constituídas inclusive
cinco chefes influentes. Por estas
noticias vos envio sinceras felicita-
ções e mui cordiaes saudações.

Casto Marques

Presidente do Estado.

Goyaz, 2—6—14.

Folgo muito noticia telegramma
V. Exe. progresso civilização silvi-
colas incorporados colonias sob vos-
sa competente direcção. Congratu-

Jo-me V. Exc. méta alcançada, agradeço penhorado gentileza comunicação. Saudades.

Olegário Pinto
Presidente do Estado

Coyez. 4-6-14.

Senado confessa-se grato gentileza comunicação grandes benefícios prestados pela Congregação Salesiana da qual sois digno Inspector em prol da cateche e silvícolas formula votos continuem intrepídus trabalhando pela causa da religião e da Pátria.

Jubi. Presidente.

Cuiabá. 2-6-14.

Agradecendo comunicação apresento-vos minhas felicitações pelo brilhante resultado constatado colônias salesianas que acabais inspecionar. Aproveito apresentar minhas felicitações pela honrosa nomeação com que vos distinguu Summo Pontífice. Saudações.

João Costa Marques.

Cuiabá. 3-6-14.

Agradeço penhorado comunicação apresento-vos minhas felicitações brilhante resultado esforços salesianos entre nossos indígenas. Peço aceitar minhas congratulações pela honrosa distinção que acabais de receber do Summo Pontífice justa recompensa aos vossos muitos merecimentos. Saudações.

Oscar da Costa Marques.

Rio. 4-6-14.

Agradeço Vossa Rvma. gentil comunicação e felicito pelo exito crescente da obra humanitária e civilizadora de que o Brazil é sinceramente reconhecido. Saudações atenciosas.

Falladares, chefe de Polícia.

Rio. 4-6-14.

Agradecendo comunicações constantes seu telegramma 20 mez passado cumpro dever manifestar minha satisfação pelo progresso moral material constatado por V. Exc. nas colônias indígenas mantidas pela laboriosa Congregação Salesiana. Fazendo votos maiores prosperidades em beneficio civilização silvícolas. Cordiaes saudações.

Annibal Toledo, secretario camara.

Campinas. 23-6-14

Abraçando carinhosamente V. Exc. congratulo-me Congregação Salesiana.

D. Nery.

Cuiabá. 25-6-14.

Acceptae parabens vossa justa nomeação episcopal, minha parte e Sallaberry, na região Araguaya, pela qual muito me interesse pedindo obsequio não olvidar pedido fiz criação instituto ensino Villa Araguaya em beneficio juventude essa promissora localidade. Saudações cordiaes.

Deneleciano Menezes, chefe de Polícia.

Cuiabá. 25-6-14.

Effusivas, sinceras congratulações justa, merecida recompensa seus ingentes esforços. Abraços.

Ferreira Mendes, Secretario Interior.

Rio. 25-6-14.

Parabens merecida distinção.

Manoel Martinho e familia.

S. Paulo. 22-6-14.

Minhas felicitações sua elevação a dignidade episcopal.

Allino Arante.

Rio. 21-6-14.

Accepte duplas felicitações sua elevação episcopado seus serviços sil-

vicolas annunciados telegramma a-
cabo receber.

Senador *Metello*, 3.º secret. Senado.

Tres Lagôas, 26—6—14.

Cordiaes felicitações.

D. Cyrillo.

Cuiabá, 24—6—14.

Salesianos alumnos cooperadores
festejando entusiasmamente glo-
riosa Virgem Auxiliadora offercem
exultantes quatrocentas commu-
nhões segundo intenção querido Bis-
po Amiso digno successor Monse-
nhor Lasagna. Ad multos annos.

D. Aquino.

Corumbá, 13—6—14.

Saudando affectuosamente Bispo
de Amiso pedem bençãos.

Magalhães e família.

Asuncion, 6—6—14.

Felicitaciones onomástico y exal-
tación episcopal.

Queirolo.

Corumbá, 6—6—14.

Cordiaes felicitações.

Frei *Paulo*, Carmelita.

Cuiabá, 27—6—14.

Cordiaes felicitações novo Pastor
Registro.

Filhas de Maria. Irmãs.

Cuiabá, 26—6—14.

Reverente oscula vosso sagrado
anel e pede bençãos.

Família *Damasceno*.

Rio, 23—6—14.

Envio duplas cordiaes felicitações
tão merecida prova distincção dis-
pensada V. Exc.

Jorila Eloy.

Juiz de Fóra, 22—6—14.

Congratulações grande amigo

motivo querido merecida prova dis-
tincção. Saudosos abraços.

Famílias *Penido, Buriver, Assis e
Andrade*.

Cuiabá, 26—6—14.

Missão Franciscana jubilosa me-
recida nomeação felicita V. Exc. of-
ferecendo humildes homenagens.

Frei *Galibert*.

São Paulo, 21—6—14.

Sinceros parabens nomeação, urge
sua vinda reclamada pelo Exmo.
Nuncio.

P. Rota, Inspector.

Rio, 21—6—14.

Effusivas felicitações votos asso-
ciação antigos alumnos—Rio.

Congratulações e Documentos

Ao findar de espargir sobre a ve-
neranda fronte do Bispo de Amiso
estas olentes flôres formadas pelas
mimosas petalas que um povo inte-
ro desfolhou, e que concretizam e
mostram a perfeição, a gigantesca
figura moral de S. Exa. queremos,
como remate, publicar uma parte
dos numerosos telegrammas envia-
dos ao 1.º Bispo mattogrossense,
D. Francisco d'Aquino Corrêa, a fi-
na flôr dos filhos Salesianos de D.
Malan.

Prometteramos fazel-o, no ultimo
numero passado. Acresce: *Gloria
patris, filius sapiens...* Mesmo quan-
do S. Exa. Rvma. o Sr. Bispo de
Amiso, não tivesse outras glorias
nesta terra que estremece como se-
gunda patria e por cujo progresso
labuta com abnegação causando as-
sombro: mesmo quando lhe faltasse
essa atmospheria saturada de sym-
pathias que, quantos amam Matto
Grosso, lhe dedicam: deveria sentir-
se nobremente ufano por ter plasma-

do á virtude desde a mocidade; informado ao sacerdócio, e burilado ao Episcopado a D. Francisco d'Aquino Corrêa, gloria da Congregação Salesiana e de Matto Grosso.

Todos quantos sabem justamente avaliar os meritos, attribuem ao abnegado D. Malan, mais esta fulgurante gloria; e a nossa Redacção apresentando os documentos que fallam bem alto da eminente figura do discipulo, engasta a perola mais preciosa sobre a rutila coroa, com que um povo inteiro, quiz emoldurar a ingente individualidade do emerito preceptor.

Rio, 3--4--1914.

Queira distincto conterraneo aceitar minhas felicitações homengens pela nobre investidura com que acaba ser distinguido pela santa Sé, e que reputo merecida recompensa seu invejavel talento e saber assim como insigne honra nosso Estado seu illustrado clero. Cordiaes saudações.

Annibal Toledo.

Lorena, 6--4--1914.

Felicitações cordiaes e affectuosos emhoras feliz e inspirada escola V. Exc. dignidade principe egreja adhesão entusiasta manifestação collegiaes e povo cuiabano.

Salesianos e alumnos.

Nietheroy, 4--4--1914.

Felicitações effusivas Salesianos Nietheroy.

P. Zeppa.

S. Paulo, 3--4--1914.

Inspector, directores salesianos amigos desta Inspectoria jubilantes felicitam irmão honra Congregação.

Salesianos.

Rio, 7--4--1914.

Envio-vos sinceras cordiaes felicitações com abraços saudosos.

Capm. Heron Keller.

Caceres, 10--4--1914.

Vigario e Franciscanos, cacerenses felicitam respeitosamente V. Exc. pela sua elevação sublime cargo episcopal.

Frei João Luiz.

Campinas, 20--4--1914.

Reverentes jubilosos osculamos mãos primeiro Antistite Salesiano patricio rogando acceitar entusiasticas congratulações.

Centro ex alumnos Salesianos.

Corumbá, 21--4--1914.

Pela fausta noticia da Cruz noticiando sua nomeação episcopal lhe enviamos nossas effusivas felicitações implorando copiosas bençãos de Deus.

Carmelitas.

Itaquy, 9--4--1914.

Apresento caro amigo felicitações motivo sua elevação Bispo. Abraços.

João Muciel Monteiro.

Corumbá, 23--4--1914.

Sinceros parabens reverendo Padre Dr. Aquino Corrêa.

Da Familia Laraquial.

Corumbá, 21--4--1914.

Cumprimentos fraternaes pela sua elevação á dignidade episcopal.

Thannuber.

Corumbá, 23--4--1914.

Mil parabens vossa merecida elevação jerarchia sacerdotal. Abraços.

Annibal Motta.

Presidente Murtinho, 25--4--1914.

Cordialissimas felicitações envi-

am V. Exc. pessoal e honrosas Colônia S. José. Deogratias.

Padre Batzola.

Rio, 2—1—914.

Jubiloso vos abraçam e felicitam pela elevação a Bispo Prusado e nomeação Auxiliar Cuiabá, bem assim pelo vosso natalício.

Joaquim e família.

Leopoldo Weiss.

Corumbá 2—4—914.

Respeitosamente apresento sinceras felicitações vossa designação bispoado nossa terra.

Romão Pereira e família

Tres Lagoas, 30—4—914.

Congratulo-me congregação nomeação episcopal P. Aquino.

† *Cyrillo.*

Bispo Corumbá.

Guia.

Os abaixo assignados jubilosos vos apresentam felicitações merecida e acertada escolha que para os matto-grossenses é causa de geral alegria sendo V. Exc. uma das mais bellas glorias.

Francisco Galdino Duarte—Manoel Benedicto Camargo—João Rufino da Silva Gomes—Francisco Marcario—Manoel Libanio—José Patriçio—Ludgero Xavier—Manoel da Cruz—Eduar Ivan—Felis Augusto—Manoel Benedicto Sant'Anna—José Espirito Santo—Antonio Rufino—Joaquim Ninho—João Alves Almeida—Luiz Firmiano—Antonio Manoel Camargo—José Arellano—Vicente Figueiredo—Manoel Gabriel—Pedro Manoel Ramos—João Rufino Corrêa—Gregorio Gomes—Theodoro Martins—José Rodrigues—Gregorio Soares—Symphronio Camargo—Sizenando Rodrigues.



Página Escolar

Nomes dos alumnos do Lyceu Salesiano de Artes e Officios "S. Gonzalo" que se distinguiram no terceiro concurso bimensal do presente anno lectivo de 1913--1914, realizado no mez de Maio.

TERCEIRO CONCURSO

V ANNO

José Lavanquiel Biosa.

IV ANNO

- 1.º Rodolpho de Campos Miranda.
- 2.º Joseph Nunes Ribeiro.
- 3.º Manoel José Moreira.

III ANNO

- 1.º Leonides da Carvalho.
- 2.º Alberto Ribeiro Salaberry.
- 3.º Benjamin Constant Keller.

II ANNO

- 1.º Bráulio Riquas de Anunciação Corqueira.
- 2.º Luiz Antonio de Figueiredo.
- 3.º José de Moraes e Castro.

I ANNO

- 1.º José Raul Vilá.
- 2.º João d'Oliveira Garen.
- 3.º José Duarte de Figueiredo.

II GRAD

- 1.º Osorio Gomes de Barros.
- 2.º José Lindolpho Carneiro.
- 3.º Raul de Carvalho—Gonzalo F. Curvo.

I GRAD

- 1.º Cândido de Moraes e Castro.
- 2.º Henrique Sempio.
- 3.º João Strabing de Vasconcelos Pinto.

INFANTIL SUPERIOR

- 1.º Ivo Carneiro.
- 2.º João Gomes Bezerra.
- 3.º Luiz Gonzaga Rodrigues de Pinho—Orazimbo Alves Guerra.

INFANTIL INFERIOR

- 1.º Aleides de Sampaio—Frederico L. Galva.
- 2.º Francisco Nunes Ribeiro.
- 3.º Luiz Duarte de Figueiredo.

CONDUCTA LUCYOR

Manoel José Moreira, Amílcar Gomes Bezerra, Benjamin Constant Keller, Francisco Sales Romão, José Honorato da Silva e Souza, Leonides da Carvalho, Leopoldo Rodrigues de Pinho, Waldemar Corrêa da Costa, Agripino Nonato da Silva, Waldemir de Araújo Bastos, Luiz de Albuquerque Nunes, Abráham Gomes Bezerra, Cyro Gomes Bezerra, José de Albuquerque Nunes, Raul de Carvalho, Nemesio Gomes Bezerra, Antonio Cesar de Figueiredo, Bartholomeu Ferreira Gomes, Aristides Nogueira, Lino W. da Silva, Joaquim Domingos Regis e Salomão Gomes Bezerra.



A/S. EX. RV.^{MA} o Sz.

D. CARLOS LUIZ D'AMOUR

*D. D. Arcebispo de Cuiabá
Metropolitano de Matto-Grosso
Conde Romano Assistente do Santo Pontifício
Prelado Domestico de Sua Santidade
Comendador da Ordem de Christo*

o venerando Pastor que ha 35 annos, vem dirigindo
com raro zelo e energia por entre inerciveis difficul-
dades o mystico rebanho que lhe foi confiado

A REVISTA "Matto-Grosso"

PELA FAUSTA OCCORRENCIA DO 78.º NATAL DE S. EX. RV.^{MA}

TRIBUTA ESTA
HOMENAGEM

Allocução (*)

Exmo. e Rvmo. Snr. D. Carlos Luiz d'Amour. M. D. Arcebispo Metropolitano de Cuiabá.

Exmo. e Rvmo. Snr. Dr. D. Francisco d'Aquino Corrêa. M. D. Bispo eleito de Prusíade, e Auxiliar desta Archidiocese.

E' com o mais intenso jubilo, que venho cumprir o dever de saudar-vos, nest'hora, em que vos contemplamos à testa da élite social de Cuiabá.

A voz que irrompe de nossos peitos, não é sinão a da justiça e reconhecimento: é a homenagem de corações entusiastas, que vos consagram os mais puros sentimentos de veneração e estima.

Que de emoções ineffáveis não desperta a scena que se desenrola aos nossos olhos! Duas frentes, ambas aureoladas pelos reflexos do céu, que se immanam, por assim dizer, para, numa santa solidariedade, illuminarem um povo inteiro na senda da honra e da felicidade!

Uma—cingida de cansalvissimas, representando toda uma vida gasta em espalhar o bem, o amor, synthetizados na santa religião que o torna como S. Paulo um heróe e um martyr. Outra—vasta e juvenil, symbolisando a sciencia divina que fez do mesmo Apostolo um genio e um sabio. Aquella—tem a côr das

espumas do mar é a experiencia da vida, bem representada pelo mar, ora calmo e silencioso, ora furioso e ameaçador. Esta—é como a aurora, que desponta num horizonte de luzes e flores:—é a esperança da religião e da Patria, a fulgir como um santelmo.

**

A eleição do novo Principe da Igreja,—do primeiro Bispo matto-grossense—não sómente vem honrar o clero, de que é elle uma gloria; mas tambem é um motivo de ufania para este povo bom e crente, ao qual o nome de D. Aquino será sempre como um Evangelho, e a sua voz como um oraculo de saber e de virtude!

**

Venerando Metropolitita!

Assim como Elías deixou cair o seu manto sobre Eliséu, quando se elevava ao céu num carro de fogo; tambem vós, ao consagrardes o nosso joven sacerdote patricio, deixae cair de vossas mãos as bençãos do céu, afim de que o vosso digno Auxiliar perpetue, em prol do vosso querido rebanho, vosso espirito de zelo e de sacrificio.

Agora o tereis como um generoso Cyrenen que carregará com vosco a cruz do episcopado, nos ultimos trechos do vosso Calvario.

Mais tarde, quando já feliz estiverdes no Thabôr eterno, vosso estremecido afilhado, fará reviver, pela palavra harmoniosa e feitos, vosso nome e labôres apostolicos.

Regosijao-vos, pois, oh! venerando Metropolitita! vós que, tão em boa hora, escolhestes o vosso querido afi-

(*) No dia 25 de Abril os alumnos do Lyceu S. Gonzalo, no salão de actos do Estabelecimento, offereceram ao Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, e seu digno, Auxiliar D. Francisco d'Aquino Corrêa, um entretenimento litterario-cinematico-musical, em beneficio das Colonias Indigenas, e um d'elles declamou com muita correção e desembaraço esta allocução.

lhado, esse grande filho de D. Bosco, para guiar as vossas ovelhas ao eterno aprisco da immortalidade!

E, convosco, todo este povo exultante, porque, em D. Aquino Corrêa, vemos não só uma águia de sciencia que illuminará as nossas intelligencias; mas tambem um pellicano de amor, que por nós consagra desde já as suas energias, os seus suores, a sua vida inteira!

Portanto, Senhores, é bem justo que, com todo o nosso enthusiasmo, exaltemos estes dous Principes da Egreja.

A elles, pois, abraçando num câlido viva, os nossos sentimentos de veneração e amor filial, prestemos nossas homenagens.

Dois heróes

Lá, das aprazíveis e pittorescas campinas de Agua de Dios (Colômbia) aonde, antithese completa! por entre a amenidade dos campos e fertilidade do sólo, eleva-se sombria a cidade da dôr, o grande Lazareto, que recolhe varias centenas de leprosos, chega-nos a triste noticia que transpuzeram os umbraes do além, e entraram nos clarões da immortalidade dois eximios sacerdotes Salesianos: R. R. P. P. Cyriaco Santinelli e Emilio Buena. Este nasceu em Manizales (Colômbia); aquelle em Ostra (Italia).

O P. Santinelli já fôra Inspector das numerosas casas Salesianas na florescente Republica Sul-Americana. Sua vida activa, cheia de peripecias, foi sacrificada ao extremo, e devido aos ingentes trabalhos e continuas peregrinações, privado das cousas mais necessarias á vida, apanhou a horrivel molestia que devia leva-lo á sepultura. Enviado

ao Lazareto de Agua de Dios, onde os Salesianos, de ha dilatados annos, se occupam dos lazarcos, dedicou-se exclusivamente em alliviar-lhes as dilacerantes dôres. Avido de excogitar e levar a termo novos meios de caridade, fundou entre os doentes a Sociedade de S. Vicente, a Associação de S. José, e a do mutuo Socorro. Deu robusto incremento as officinas do Asylo "P. Miguel Unia" que agasalha tão só meninos leprosos; e fundou varias outras obras de propaganda catholica. Adian tempo e meios outrosim, de escrever e publicar umas obras litterarias, e de redigir dois periodicos quinzenaes. Aos 5 de Novembro de 1913 alou-se para o céu.

O P. Buena, de grande intelligencia e excepcional actividade, dava as mais bellas esperanças de si; occupado no exercicio das virtudes christãs, assistindo e leccionando aos jovens leprosos asylados foi atacado pela terrivel molestia. Sua vida, não obstante o mal progredir, foi até o ultimo um verdadeiro e abnegado apostolado. Auxiliar em seguida successor do P. Santinelli, d'elle emulou as virtudes e os meritos. No dia 20 de Fevereiro cahiu de cama para nunca mais se levantar. E aos 26 do mesmo mez entregou placidamente sua alma ao Creator.

A estes valentes e abnegados Apostolos que, heróes obscuros, caem no campo victimas gloriosas da caridade de J. Christo, nossa subida admiração unidamente a uma fervorosa prece. Seu abnegado e generoso exemplo seja-nos de nobre incentivo para alliviar sempre, e em toda parte, as numerosas dôres e grandes misérias que affligem a pobre humanidade soffredora.

Contraveneno religioso

CARTA SETIMA

O idolo do nosso seculo, isto é, a liberdade de pensamento

Liberdade physica e moral—Libertinagem—Livres-pensadores que não pensam—Liberdade de pensamento ou tambem de acção?—Protestantes e racionalistas—Gutzot—Quizéra crer, mas não posso.

SARDOSO CARLOS.

(Continuação)

Pois, si fallarmos d'aquillo que está em razão directa com a religião, então ao absurdo accrescenta-se a impiedade.

Com effeito, pergunto eu: Porque se deve pensar livremente em materia de religião?

—Das duas uma: ou porque se pensa que a religião é coisa que nada influa; ou porque embora seja importante é considerada como coisa problematica com a qual não é possível chegar ao conhecimento da verdade.

Poder-se-á chamar coisa de pouca importancia? Mas, então, o complexo das creanças que dizem respeito a Deus, e o conjunto dos deveres que ligam o homem a Deus, e ainda mais, conhecer-se além da terra haverá o nada ou uma outra vida, e que vida será esta e em que condições, tudo isto são coisas de somma importancia, indignas de serem consideradas por uma mente seria?

Poder-se-á chamar coisa problematica? Mas, porque? Ou porque Deus não a manifestou com clareza sufficiente, ou porque o homem não se applica a estudal-a com sufficiente attenção.

Terá Deus deixado de manifestar-se com clareza sufficiente a religião verdadeira?

Si, porém, esta é coisa tão importante, como acima temos visto, Deus mesmo tinha obrigação de *revelar a luz da eternidade ao homem com toda a clareza*. E si tivesse de o fazer, não é impiedade sómente duvidar que o tenha feito? E que o tenha feito realmente não nolo mostram todos os caracteres e nouas com que Elle mesmo gravou sua Igreja, e que qualquer livro de polemica minuciosamente analisa?

Logo da parte de Deus não pôde nascer a incerteza d'aquillo que devemos pensar em materia de religião: mas tão sómente da parte do homem que chama-a coisa problematica e absurda até, e isto só porque não collocou a necessaria attenção para se esclarecer a respeito d'ella. E poderá ser esta uma desculpa admissivel? Mas, como?? Em coisa tão importante será licito proceder superficialmente dizendo que cada qual é livre de pensar como quer? Mas, se Deus revelou a existencia de uma segunda vida, como posso eu pensar livremente que meu fim é igual ao fim do meu jumento?

Si Deus revelou que só na Igreja por elle fundada pôde encontrar-se a salvação, como posso eu ser livre para dizer que desprezando a Deus e a Igreja posso viver e morrer sociegadamente? E não seria tal proceder uma zombaria feita a De-

us? E o que é peor é que geralmente o livre pensador procede com uma levandade incomprehensivel! Ha pouco, uma menina de 13 annos suicidou-se, deixando escripto que queria ser sepultada sem que seu cadaver fosse levado á Egreja. Era alumna do livre pensamento!!! Com effeito devia ter pensado muito uma pensadora de 13 annos!!! Semeilhante á essa são tantos outros, especialmente moços, que em lugar de livres pensadores deveriam ser chamados livres irreflectidos!

**

Este systema, portanto, não é só absurdo, mas também impio. E agora accrescento que elle é obrigado a dar de costa, ou contra o rochedo da vergonhosa contradicção, ou contra horriavel immoralidade. Ou Seylla, ou Carybdis.

Ora pergunto eu: Será livre só o pensamento interno ou também a manifestação externa deste pensamento, com a palavra e com a obra?

Responder-me-ás que é licito só o pensamento interno? Mas então? Se um pensamento é innocente porque será prohibido external-o? E se external-o parece cousa má, como poderei eu cultivar-o na mente? Logo conforme a opinião destes livres pensadores posso eu acariciar quanto quizer uma idéa, esquentar-me a cabeça no amor da mesma, e quando estiver para manifestal a com palavras e actual-a com obras intimamente de chofre: Pára. Mas, isto é collocar o interior em contradicção com o exterior; isto, é dividir o individuo humano; é um homicidio moral! E taes adeptos do livre pensamento querem ser philosophos! Tyrannos, ou antes, carrascos do coração humano deveriam chamarse, porque lhe renovam o supplicio

de Tântalo; no meio da sede que o consome, apresentam-lhe agua fresca e crystallina e apenas o sequioso encosta na taça os ressecados labios, com um sorriso sarcastico e cruel privam-n'o de matar a sede afastando-lhe a mesma taça.

Mas a lei humana deve limitar-se a prohibir os actos externos, porque os internos não fazem parte de sua jurisdicção. Sei! Eu, porém, não fallo de lei humana; mas de lei natural: não converso com o legislador, sim com o philosopho; e a lei do philosopho prende antes o coração e o pensamento e depois a acção e a palavra. Vê meu Carlos, quanto mais sublime é a nossa philosophia christã que antes de nos prohibir um acto indigno, prohibe o pensamento d'elle; e assim abafa a paixão em seu nascimento, e conserva a harmonia entre todas as faculdades do homem, e não o divide, não! mas unifica-o e aperfeiçoa.

**

Querendo portanto serem coherentes, os paladinos da liberdade, que não querem encorrentar o seu pensamento, não hão de querer tampouco que seja impedida a manifestação do mesmo com a palavra e as obras: e é isto justamente que proclamam os mais atrevidos dentre elles.

E então? Eis derribados todos os baluartes, eis vencidos todos os diques, eis aberto o caminho á uma enchente do males. Aquelle livre pensador pensou que a religião é uma superstição e que porisso deve ser combatida; e conformando-se com o seu pensamento estorvará as funcções da Egreja com gritos, tiros, bombas; e eis o livre pensador como livre profanador. Um outro encontrará mil razões para lançar mão dos bens alheios, e ora debaixo da capa

de socialismo, ora de communismo, ou qualquer outro titulo, esvaziará cofres e burras, e com os bens que lhe foram confiados dará ás de Villa-Diogo; e eis o livre pensador transformado em livre ladrão. E assim por diante, marchando d'este passo vel-o-ás mudado em livre incendiário, como na Communa de Pariz; livre regicida como ha pouco na Italia; livres malfeitores de qualquer especie, sempre que haja esperanza de enganarem muitas vezes a limitada justiça humana!

E assim meu Carlos, todos os crimes e extravagancias que no perpassar dos seculos vão inundando a terra são lançados sem temor no *haver* do livro de contas correntes do livre pensamento, porque toda a acção humana não é outra coisa senão a actuação de um pensamento, e o pensamento e a acção revestem-se da mesma moralidade; ou melhor: a acção externa indifferente por si, deduz sua moralidade do pensamento interno que a informa; e, por conseguinte, é necessario absolver juntamente com o pensamento tambem a acção; ou condemnar tanto a acção como o pensamento.

Eis para onde leva a decantada e pretendida liberdade de pensamento! Eis o idolo do nosso seculo: *Ecce quem colubatis*.

E d'aqui pôde-se deduzir o que seja a irmã do livre pensamento, a chamada *Liberdade de consciencia*.

Proclamar liberdade de consciencia ? ! ?

Quer dizer ter má vida, isto é: sentir, pensar, obrar, viver de falsa sciencia e longe as leis humanas saeulic,
Que tudo se resolve em consequencia;
em liberdade de não ter consciencia.

*
* *

Eis as duas principaes formas de-
baixo das quaes se apresenta o livre

pensamento: Protestantismo e racionalismo. O racionalismo é o livre pensamento na sua forma mais absoluta; o protestantismo com a sua razão individual é igualmente o livre pensamento, porém, debaixo de uma forma mais moderada. Não será portanto ocioso que eu te demonstre como estes dois systemas se destróem reciprocamente fazendo assim que se levante sobre as ruinas do livre pensamento o principio da auctoridade divina, isto é: o verdadeiro christianismo ou catholicismo.

Na metade do seculo XVIII, o maior homem que o protestantismo contava em suas fileiras, Guizot, mui sabiamente assim escrevia: « Qual é em substancia a grande questão religiosa dos nossos dias? E' a questão que se debate entre aquelles que admittem e não admittem uma ordem sobrenatural; de um lado estão os incrédos, os pantheistas, os scepticos de toda a especie, os puros racionalistas; e do outro acham-se os christãos! Entre aquelles, só os melhores deixam existir no mundo e na alma humana a estatua de Deus, mas tão só a estatua, uma imagem de pedra; Deus verdadeiramente não existe mais; só os christãos têm o Deus vivente, e é deste Deus vivente que necessitamos.

E' necessario, para a nossa salvacao presente e futura, que a fé na ordem sobrenatural de novo penetre no mundo e na alma humana, de outra forma as crenças religiosas não poderão ser senão cousas superficiaes e quasi inuteis... A philosophia vem do homem, a religião vem de Deus; e se o apañagio da philosophia é a liberdade, o apañagio da religião é a auctoridade. » Palavras justissimas são estas: Guizot, porém, talvez não percebêra

que ellas iriam tambem de encontro ao seu protestantismo.

E com effeito, pouco tempo depois um racionalista assim lhe respondia: «É necessário que a conducta de cada um seja conforme as proprias maximas. Si se julgar que fóra da Egreja toda a creença religiosa é superficial e quasi inutil, então acabam todas as duvidas: só na esphera da verdadeira Egreja, d'aquella grande Egreja Catholica, que desde S. Paulo até De Maistre, tem feito curvar debaixo de sua admiravel disciplina tantos espiritos de escool, tantos genios assombrosos, tantas grandes almas, sómente a ella devemos recorrer para pedir-lhe perdão e amparo, nos varios transees da vida. Porque se vos é licito insinuar que o atheismo não é senão um racionalismo logico, com maior razão poderemos affirmar que o protestantismo é um racionalismo inconsciente. Com effeito: ou a razão individual tem completo dominio sobre a fé; ou então este dominio cabe á autoridade. A combinação de uma com outra é uma utopia; a fusão nas cousas de religião é mais difficil que nas de politica.» E eis portanto derribado o racionalismo e com este tambem o protestantismo. O que resta?... Viva a Egreja catholica!

*
**

Pois que se deve fazer? Quizéra crer, mas não posso. Imagina que um doente de febre ou outra qualquer molestia dissesse: quero sarar mas não posso!

—Queres sarar? Mas já consultaste o medico? Não gesto de medicos.

—Tomaste algum purgante?

—Deus me livre!

Uma dose de antiperina?

Nada, nada!

—Fazes dieta, absteindo-te de certos alimentos pesados e indigestos?

—Que dieta, eu gosto de passar bem!

Acreditarias tu, Carlos, que este doente queira sarar? O mesmo se dá com aquelle que disser: Desejaria crer, mas não posso.

Queres acreditar? queres sarar da descrença? Chama, pois, um medico espiritual, um bom sacerdote, a quem manifestarás as tuas duvidas, difficuldades, a tua molestia enfim. Queres acreditar? Lê algum Tratado de religião ou Apologética, como as obras de Mons. De Segur, de P. Franco, de Tommasoni, de Scuppe, etc. Queres acreditar? Expurga antes de tudo, teu coração de certos vicios e paixões, que fazem affluir á cabeça os humores morbidos: precisas portanto de um bom purgante. Queres acreditar? Abstem-te, pois, da leitura de certos livros e jornaes impregnados de irrefligião e sensualidade, porque a tal leitura em lugar de diminuir augmentará os teus males.

Queres acreditar? Pede a Deus que te dê fé; reza com fervor e perseverança: tanto privada como publicamente, sem pejo de mostrar-te christão, antes com a verdadeira liberdade. Si não o fizeres e ainda repetires: *Quizéra crer, mas não posso*, fica sabendo que es tu, o teu proprio enganador, e mesmo assim não creio que o possas ser, porque a tua consciencia nunca se enganará.

«Deus não existe!» diz o estulto e, mente

Enquanto Deus no proprio peito sente.

Pois, si da fé as luzes adiante

Pos teus olhos tiveres todo instante

Ser-te-ão guias da vida nas agramas,

Mas, si as deixares tornar te-ão torturas.

Fim da carta VII.

“O Evangelho nas selvas”

CARTA

do M. Rdo. P. Antonio Colbacchini, Director da Colonia “Sagrado Coração” no Barreiro — Araguaya.

M. Rdo. Sa. P. Aquino.

Desde muito tempo desejava escrever-lhe alguma coisa sobre esta nossa missão entre os indígenas; mas V. Rma. não ignora que nem sempre o missionário pôde dispor de tempo sufficiente para realizar os seus desejos.

Sem duvida, ha muitas pessoas que desejam conhecer as fadigas, peripecias e triumphos dos missionários. Parece até que seguem, ansiosas, as suas pegadas, levantando a Deus ferventes orações para o feliz exito da sua obra catechizadora. Especialmente a essas generosas almas, é que dirijo estas desataviadas linhas. O meu escopo é apresentar aos benevolos leitores uma relação duma excursão que vim de fazer até o Rio das Mortes, região até hoje inhabitada.

Tencionava chegar até a grande cascata, outrora descoberta por alguns aventureiros, que della não deixaram dado nenhum seguro. Os nossos horóros deram-me informações minuciosas do local. Motivos diversos impediam-me, desde muito tempo, realizar essa viagem. Ultimamente, porém, puz-me a braços com essa empreza, movido pelo desejo de poder, também eu, missionário e ministro de Christo, precisamente neste anno em que se commemora a victoria Constantiniانا, plantar triumphalmente o symbolo santo de nossa divina Reli-

gião —no terreno ainda não abençoado pelos braços duma Cruz. Irei, disse eu commigo mesmo, e lá plantarei o glorioso vexillo de nossa Santa Religião, que, erguendo-se da formosa cascata, bradará áquellas virgens florestas que aquellas terras são sagradas porque foram possuidas por Christo. Já, de ha dias, os nossos horóros mostraram-me desejo de ir ao Rio das Mortes para fazerem uma grande pesca. Pediram que eu fosse com elles e eu aproveitei a occasião para pedir-lhes também que accedessem a um meu desejo que era de chegar até a grande cascata. *Uh! hoc cor! hoc cor!*, exclamaram á una (Oh! sim, é mesmo assim!)

Feitos, pois, os preparativos da viagem, puzemo-nos a caminho, em direcção do norte.

Era o dia 30 de Junho. Era bello ver, naquella manhã, os nossos robustos selvagens uns apés outros com arcos e flechas em uma das mãos e com grandes facões na outra, caminhar adiante de nós que a cavallo, acompanhavamos os animais de carga.

Alguns dos baróros nas precediam alguns passos, cortando com seus facões os galhos de arvores e arbustos que impediam a nossa passagem. Perto de meio dia, ao atravessarmos uma matta, gritos e assobios ressoavam naquella solidão florestal. Eram os indios que tinham encontrado alguma caça. Tinham preso dois pareos do matto. Apenas me a listaram, exclamaram: *Padre! Ce g' boera mnduca! Ce g' boera mnduca! Gingar'ema u pemegagucagure, acngue mndle*

gê eterna? Uh na!? (Padre! não nos faltará comida! não nos faltará comida! é um porco do matto, muito bom: comerás talvez também tu? Sim, não é verdade!?) Respondi que sim, e que também a nós agradava a caça dos boréros.

Neste primeiro dia andamos entre bosques e asperos alcantis, até quando, chegando a noite, descansamos em um lugar mais ou menos conveniente naquellas alturas. Um bello riacho de aguas limpidas corria placidamente aos nossos pés. Matamos a nossa sêlo e fizemos beber os animaes, enquanto os boréros foram cortar ramos de palmeira para prepararem o seu acampamento. Arrumamos a nossa tenda um pouco afastado d'elles: e enquanto elles preparavam as suas caças, nós também nos puzemos a cosinhar alguma coisa para reconstruir as forças. Antes, porém de adormecermos, chamei os boréros e lhes disse: Vinde rezar antes de dormir. *Uh! boe vagato!* (Sim, muito bem) e vieram immediatamente. Então rezamos juntos no idioma boréro. Assim, as nossas vozes, que se elevavam ao Senhor, romperam o noturno silencio daquelles logares selvagens, e o echo repercutia em torno de nós causando-nos uma grata e profunda impressão. Finda a oração, vieram todos, como de costume, beijar-me a mão, dando-me a boa noite. Cedia a noite, tendo algo de mysterioso e solenne. De vez em quando, algum boréro levantava-se, atizava o fogo já quasi extinto e accendia o seu cigarro. Passei algum tempo em suaves contemplações, que me offerecia a natureza silenciosa. Ao alvorecer da dia seguinte, acordei os caros companheiros, que prepararam logo o

altar portatil e celebrei a santa Missa.

Confortados pelas praticas de piedade que costumamos fazer de manhã, proseguimos a viagem. Era o 1.º de Julho. Já muitos selvagens nos tinham precedido caçando: outros nos esperavam para prestar-nos os serviços proprios da viagem. Atravessando, como o primeiro dia, bosques, collinas e valles, chegamos, meio dia, ás margens do Rio das Mortes, onde ficamos o resto do dia, para satisfazer ao desejo dos nossos caros boréros, que iam pescar, á noite, na foz do visinho rio "S. Marcos", descoberto por mim, ha dois annos. Sobre o barranco da majestoso rio, preparamos o nosso acampamento, e assim passamos a metade do dia, gozando da sombra e da frescura proporcionadas por amasas arvores cujos ramos banhavam-se nas limpidas aguas. Estava eu sentado á beira do rio contemplando as aguas fugitivas, quando vejo surgirem do meio do leito, algumas aranhas, tão temidas dos boréros. Barretant, não nos deixavam em paz os importunos mosquitos e borrachudos. É verdade, ás vezes quando se tem de viajar por logares lavios e inexplorados, pensa-se somente em annos ferozes dos quaes se pôde livrar com o recurso de boas armas de fogo; e quasi nunca se pensa nos peiores e mais terriveis inimigos que são os mosquitos, borrachudos e os mil outros insectos, parasitas do sangue humano. Passamos, pois, combatendo com legiões desses malignos insectos, o resto do segundo dia da viagem. Os selvagens tinham já voltado da caça: accenderam fogo e prepararam as suas coisas para a pesca da proxima noite. A noite foi tranquilla e fresca, para não dizer fria. Pómos precis, pois, levam-

tarmos mais cedo que de costume, visto que os nossos cobertores não nos aqueciam mais, para irmo-nos aquecer junto á uma fogueira. Soli a nossa pequena tenda celebre a S. Missa. Ainda não tinham despontado os primeiros alhores do dia. Junto ao fogo, púz-me a contemplar silencioso, a superficie daquellas aguas esfumadas pela precipitação de vapores. Tudo era tranquillo, sereno, bello e majestoso... Bandos de aves aquáticas esvoaçavam por sobre a superficie das aguas, soltando alguns sons estridulos, maviosos e melancolicos. Tudo concorria para que as impressões fossem mais profundas e suggestivas. Emquanto meus olhos divisavam aquellas scenas tão encantadoras, a minha imaginação voava além, por interminos terrenos além, isto é, por milhares e milhares de kilometros, onde não pisou ainda homem civilizado. Daquelle silencio e profundo mysterio, elevava-se algo de incerto e triste que opprimia o meu coração e abatia o meu espirito. E' que aquellas vastas regiões não eram ainda abençoadas pelos braços da Cruz; e poraquellas innumerias tribus selvagens não era ainda conhecido o nome do Senhor! Deus conserva occulta num véu essa parte maravilhosa da criação. Quando vela-cinas conhecida e admirada? Quando poderá o pé do missionario imprimir os seus vestigios nas areias desses rios e desertos? Quando levantar-se-á glorioso por essas selvaticas plagas o Signal Santo de nossa Redempção? Meu coração oppresso não podia resistir ao peso destas locubrações.

Sentia imperioso e irresistivel desejo de lançar-me no meio daquellas selvas para procurar os pobres indios que por lá vivem errantes e con-

duzilos a Jesus Redemptor e Senhor das Nações. No fundo do coração exclamei: *Domine! advenit regnum tuum!* Levantei-me, então, e fui tomar um pouco de café com os meus compandeiros que me esperavam. Pouco depois os nossos selvagens voltavam da pesca, que só se pôde fazer nas primeiras horas da manhã. Eis o modo como procedem na pesca: procuram uma sinuosidade do rio ou a fôz dum riacho que não meça mais de um metro de agua: põem-se um em frente do outro de uma á outra margem, com as suas grandes rêdes abertas n'agua, de fôrma que quasi separam a corrente de um a outro lado do rio. Donde vem que a sua phrase *Pô para cáto*—indica bem este modo de pescar, porque quer dizer literalmente: cortar o principio da agua. Já que me veio á mente esta phrase indigena, desejo dizer como os boróros indicam o curso de um rio do modo contrario ao que fazemos nós, pois, nós partimos da nascente até a fôz, e elles da fôz até á nascente. Discorrendo com elles de hydrographia é mistér estar bem attento para não dar alguma rata solenne.

Voltando á narração da pesca, dividem-se em duas turnas: uma fica postada á fôz do rio e a outra, em vez, sobe até cerca de meio kilometro acima, por dentro dagua, tocando o cardume dos peixes, que, procurando refugio nas aguas maiores acabam por serem presos pelas ditas rêdes que os esperavam abertas. Quasi sempre tal pesca é abundante, como foi esta vez. Vieram todos offerecer-me os productos do seu trabalho. Como os presentes iam sendo muitos, eu lhes disse que o nosso estomago não era tão grande como o delles: ouvindo isto,

riram bastante e responderam-me que haveriam elles sosinhos de comer todos os peixes. Pensei neste dia continuar a viagem. Chamemos com bom appetite os sabrosos peixes e, invocando a protecção de Maria S. S. com a reza do *Angelus Domini*, pois era precisamente meio dia, nos embrenhamos nas matas, em nome do Senhor. Chegamos logo ao riacho affluente do Rio das Mortes que, como já disse, foi por mim denominado "S. Marcos", por ter sido descoberto no dia consagrado a este Santo Evangelista. A travessia foi um pouco difficil, devendo fazel-a a na lo, com o auxilio de nossos bravos sertanejos. Em pouco tempo passamos todos além do riacho, e de novo nos entermamos por entre as frescas sombras da floresta virgem, seguindo as margens do Rio das Mortes que cortia majestoso aos nossos pés. Pude contemplar, então, a poesia infinita das florestas que suggestiona o animo de quem contempla essa obra soberba da natureza. Sente-se nova vida; o coração se eleva a Deus; vemos a Deus, tocamos-O na perfeição da sua obra, e aquelles aromas puros e suaves que se evaporam das flores são como perfumoso incenso daquelle majestoso templo, dando ao Criador de todas as cousas o tributo de amor e reconhecimento. Depois dalgum tempo, sahimos ao céu aberto, esplendente do mais vivo sol, que, tambem, nos proporcionava um calor abraçador, que nos fazia suspirar pela sombra da matta vizinha. No meio desta, passamos um correço, ao qual puzemos o nome de "Visitação de Maria S. S." por ser o dia desta festa. Pouco depois, sahimos novamente ao aberto, e o livre horizonte abria-se adiante de nós com bella vista, e intrastin b a assim a bel-

la monotonia da virgem floresta. O sol dardojava os seus ultimos raios. Estavamos já cansados. Baticados de suor, chegamos á margem de um riacho, de considerável profundidade, cuja praia era bastante lamacenta. Era impossivel tentar a passagem a vau; enquanto discorriamos sobre o modo de passar, um indio chamou-nos e disse-nos: vinde aqui que passaremos bem. Estavamos mesmo na foz do mencionado riacho com o Rio das Mortes. Pois bem, os nossos boróros que desde muitos annos vieram do Rio das Mortes para se estabelecerem em nossa colonia do S. Coração, já tinham passado por ali, e, para facilitar a passagem, tinham collocado sobre o riacho dois páus não muito resistentes. O indio que mostrou aquella especie de ponte, disse: aqui nós passaremos, e os animaes passarão a nado. Ao ver aquelles páus tão mal unidos sobre agua tão profunda fiquei um pouco perplexo. O indio, ou porque estava convencido que os páus ainda estivessem fortes, ou porque não se animava de ir cortar outros páus, passou por primeiro, fazendo um estorcado equilibrio e dizendo: veja, veja como é forte e vae bem; não tenha medo, passe. Fiquei entre o sim e o não; mas depois vencendo um pouco aquelle natural temor, disse: toma-me pela mão e ajuda-me a passar, que não quizera tomar um banho assim vestido. O indio lançou-me um olhar que queria dizer: porque duvida? e estendeu-me a mão e assim nos puzemos por aquella *ponte dos suspiros*. Elle me precedia e eu o seguia, temendo a todo instante perder o equilibrio. Estavamos já para chegar do outro lado e para dar um longo respiro, quando... *crac!*... os páus quebram-se e eu com o meu guia cahimos na-

gua que nos cobriu até o pescoço. Felizmente o índio segurou-me com uma das mãos e com a outra pegou-se num arbusto e com um arranco não muito delicado poz-me a salvo em terra dando uma solenne gargalhada. Si não fosse assim, eu metteria atundado e desaparecido para reapparecer mais em baixo, porém já no caudaloso Rio das Mortes. Maria SS., que é sempre o auxilio dos missionarios, livrou-me de tal perigo. Não tomei sinão um solenne banho, bem que involuntario. Os indios, ao verem-me todo molhado continuaram a rir e eu me contentei de rir com elles, dizendo: por vossa causa tomei este banho, ide agora cortar outros páus: para que os outros companheiros passem mais felizmente. Entretanto os meus irmãos, impressionados por aquelle accidente, recommendavam-me de mudar logo a roupa, afim de evitar qualquer febre ou constipação. Rindo, respondi-lhes: sim, tendes razão; mas quereis que eu me faça indio agora? Ainda não o quero. A minha roupa está comvosoço, comprehendestes? Deram elles pois uma grande gargalhada. E eu tive de esperar, com a roupa molhada, até que os indios viessem com outros páus, sobre os quaes passou o resto da comitiva e as nossas bagagens. Entretanto, se aproximava o pôr do sol e decidimo-nos a pernoitar alli mesmo, onde preparamos as nossas barracas, commentando o accidente occorrido com a mais expansiva hilaridade. Nesse dia parece que o diabo nos andasse atraz da porta. Aconteceu-me, pois, um outro caso. Tinha já mudado a roupa, quando, indo tirar o meu breviario de dentro duma bolsa que estava pendurada em uma arvore, vejo cahir nagua a mesma bolsa, que,

por infelicidade achava-se aberta, e espalhar-se todo o contendo na superficie liquida. Chamei incontinenti os indios que viessem salvar as minhas cousas, e o meu breviario, que como mais pesado, já ia desaparecendo. Correram elles e julgando que fosse alguma onça que tivesse apparecido, entesaram logo o arco e procuravam onde se achava a onça. « Não, não, lhes disse. É o meu livro que cahiu nagua e lá vae se embora. Ide buscal-o, » Com effeito, com presteza apanharam o breviario e todo o resto: só ficou á mercê das aguas uma imagem de Maria Auxiliadora. « Vae, pois, vae disse eu áquella imagem santa, e abençoa as terras banhadas pôr este rio e dá luz e redempção aos povos selvagens que as habitam! » Sequei o breviario ao calor do fogo e assim pôde remediar este segundo incidente, e consolei-me exclamando: antes assim que na bocca dos peixes... Ao ouvir isto, rebentaram todos em grande gargalhada. Entre a maior alegria fizemos desta vez a nossa frugal ceia. Cançados já, não nos demoramos em encomendar-nos a Deus e lançarmos nos braços de Morphéu.

(Continúa.)

Festa de Maria Auxiliadora no Lyceu Salesiano

Após edificante novena de praticas sobre os *Noríssimos* pelo Rvdo. P. Bernardo Bruno, realizou-se, a 24 de Maio, no Lyceu Salesiano, o solenne encerramento do mez Mariano, com a grandiosa festividade de N. Senhora Auxiliadora, gloriosíssima Padroeira dos Institutos do Ven. P. Bosco.

Duplamente memorável e brilhante, tanto na história da Igreja como da Pátria brasileira, alvoreceu, entretanto, sombrio e fresco, o dia da solemnidade. Parecia que todo o brilho e o ardor do nosso clima tropical, concentrara-se nos corações catholicos que festejavam a Virgem do Veneravel Sacerdote de Turim.

Às 6 1/2 horas da manhã, o M. Rydo, Sr. P. Dr. Aquino Corrêa, Director do Lyceu, celebrou a Missa de Comunhão Geral, produzindo uma emocionante allocução eucharistica aos 500 e mais convivas do celeste banquete, dentro os quaes se destacava um grupo infantil de 20 neo-commungantes, alumnos do Estabelecimento. Às 9 horas, o M. Rydo, Sr. Frei Luiz Maria Galibert, illustrado Superior da benemerita Missão Franciscana, subia os degraus do altar para cantar a Missa Solenne, acolytado pelos Rydos, Padres Vallarino Sidrach e Luiz Zephyrino de Paula, Salesianos. Occupavam o presbyterio as companhias do "Pequeno Clero", composta de esperançosos alumnos do Lyceu, e de S. Luiz de Gonzaga, representada por um grupo de briosos moços.

O adro do sacro recinto estava litteralmente cheio de fieis, notando-se muitas auctoridades, Exmas. Famílias e pessoas gradas.

Ao Evangelho, o Rydo, Sr. P. Luiz Montuschi, S.S., tecer com infatigavel eloquencia as glorias da Auxiliadora atravez dos ultimos seculos e dos logares mais recentemente immortalizados por Ella. A sagrada oração, mórmente quando entrou a falar da protecção da Virgem sobre o Brazil e Matto Grosso, muito agradou o selecto e numero-

so auditorio, que a ouviu no mais religioso silencio.

Ao agape familiar, dignaram-se de tomar parte varios amigos e admiradores da Missão Salesiana, notadamente os Exms. Srs. Des. Perreira Mendes, Secretario do Interior, Dr. Freitas Coutinho, Procurador Geral do Estado, Dr. Dileciano de Menezes, Chefe de Policia, Frei Luiz Galibert e Frei Ignacio Gau, da Missão Franciscana, Coronel João Pinto de Almeida e Julio Müller, deputados estaduais, Coronel Thomaz de Aquino, Joaquim Marcos da Silva, Pereira Saldanha, Drs. Lopes e Sallaberry, e outros distinctissimos cavalheiros.

Foram, então, erguidos entusiasticos e sinceros brindes de occasião pelos M. Rydos, Srs. P. Dr. Aquino Corrêa, P. Luiz Montuschi, Frei Galibert, Frei Ignacio e Dr. Sallaberry. Um dos neo-commungantes leu uma breve allocução de circumstancia, em nome dos seus companheiros.

Às 4 1/2 hrs. da tarde, uma imponente Procissão percorreu o seguinte itinerario: ruas Couto Magalhães, 15 de Novembro, Travessa de S. Gonçalo, rua 13 de Junho e Travessa da Independencia, onde, em pulpito improvisado, o Rydo, P. Luiz Montuschi dirigiu ainda uma vez ao povo catholico eloquentes e fervorosas palavras de occasião.

Ao recolher-se o piedoso prestito, procedeu-se ao sorteio das festeiras para o anno de 1915, e em seguida à benção do S.S. Sacramento.

Foram sorteadas as seguintes festeiras: Exmas. Senhoras e Senhoritas Donas Adilles Prado d'Oliveira, Alice do Canto Menezes, Amelia Muniz, Azelia Mamoré de Mello, Carmelita Orlando, Cesaria de Miranda, Elvira Metello Corrêa, Ignez

Alves Corrêa, Joannita Villanova, Maria Augusta Rondon, Minervina do Espírito Santo, Biundo e Rita Pereira Leite.

Em seguida, houve, no vasto pátio do Lyceu profusamente iluminado á luz electrica, uma animada kermesse, na qual nos foi dado constatar, mais uma vez, a generosidade desta catholica população que, dum modo tão gentil, correspondeu ao nobre appello em prol de obra eminentemente social e religiosa, qual é a creação do majestoso Santuario dedicado á Virgem Auxiliadora.

Durante a mencionada kermesse, a banda salesiana fez-se ouvir, em harmonioso concerto, executando

escolhidas peças do seu apreciando repertorio musical.

A exhibição de alguns films cinematographicos chamou a expectativa geral dos circumstantes.

Parabéns aos inextinguíveis Salesianos e ás operosas festeiras. Exmas. Srzas. e Senhoritas Donas Attilia Ramos, Balbina Keller, Candida de Oliveira, Carlina da Gama Rego Monteiro, Generosa de Mattos, Lavina da Costa Ribeiro, Maria Cecília da Conceição, Maria do Carmo Borges Continho, Marianna Moreira, Rita Müller Filha, Thereza Villanova Torres e Zuhaira de Andrade, pelo brillantismo da sympathica e grandiosa festividade.

Chronica do Cuyabá

(*Annaes do Senado da Câmara*)

(Continuação)

Esta incomparavel honra foi sempre continuando, não só aos camarristas, mas tambem a muitos particulares paulistas como foi em 1662, ao alcaide-mór Jacinto Moreira Cabral e ao seu irmão o coronel Paschoal Moreira Cabral, ao capitão Pedro da Guerra e seu cunhado Domingos de Brito Peixoto, a Guilherme Pompéo de Almeida e seu genro Antonio de Godoy Moreira, a Pedro Vaz de Barros e Manoel Fernandes de Abreu (1) para acom-

panharem e darem ajuda e favor a D. Pedro de Souza, enviado para os exames das minas de prata na serra de *Biracuyaba* e Cahatiba. — Secretaria do Conselho Ultramarino.

(1) O coronel Paschoal Moreira Cabral era um paulista distincto e pae do outro que descobriu as minas do Cuyabá em 1718. Pedro da Guerra era filho e Domingos de Brito genro do capitão Francisco Rodrigues da Guerra, personagem proeminente que muito figurou na expedição dos Jesuitas em 1640; Domingos de Brito foi explorador das campinas do Sul até o Rio da Prata e

fundador da villa da Laguna. Guilherme Pompéo de Almeida era irmão de Lourenço Castanho Taques e foi pae do celebre padre Guilherme Pompéo de Almeida, o *Monte-Christo* paulista, cujos ossos foram ha pouco removidos das ruínas da Igreja do Collegio para a crypta da Sé. Antonio de Godoy Moreira já foi mencionado atraz, era cidadão distincto de Parahyba e explorou o sertão de *Sabarábassari*. Manoel Fernandes de Abreu foi companheiro de Paschoal Moreira Cabral e Martin Garcia Lumbria na exploração do ferro do Ypanema, em 1682, e Pedro Vaz de Barros foi um opulento fazendeiro paulista, fundador da cidade de S. Roque, e irmão de Luiz Pedrosa de Barros, que partiu de S. Paulo em 1660 e foi morrer no Peru dois annos depois, tendo corrido o interior do paiz em busca de ouro e de aventuras.

N. do C.

no livro de *Registro de Carlos do Rio de Janeiro* supra citado, título 1673, de pagina 30 a 34.

Tornando a nossa historia o anno de 1726, com que estavamos, em 15 de Novembro chegou a esta villa o General Rodrigo Cesar de Menezes, como consta de uma provisão real registrada no livro 2.º do registro deste senado, a fls. 23: trouxe consigo uma grande frota de canoas, fizeram-lhe festas como o tempo e lugar permitia e erigiu logo esta povoação em villa com o titulo de *Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá* (1).

ANNO DE 1727.—No primeiro de Janeiro deste anno mandou o general levantar pelourinho nesta villa com grandes applausos do povo, que em repetidas vezes acclamaram: — *Viva a Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá*: — tomou para casas da camara das que se achavam no canto chamado do *Sebo*, com os fundos para o corregio, as quaes já não existem no tempo presente por se haverem derribado e reduzido o lugar, como de outras mais, a uma praça. Com o general veio por ouvidor o doutor Antonio Alves Lanhos Peixoto, que entrou a fazer pelouros para juizes ordina-

rios e vereadores, que logo se abriu o primeiro, e viram-se neste anno juizes, vereadores, almotaceis e mais officiaes de justiça. Disposto tudo isto entrou o general a fazer consultas para a guerra contra o Payaguá, que tudo se resolveu em vento, vapor e nada (1).

Fez o general logo ao capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes provedor da Real Fazenda, entrou este a cobrar seis oitavas de ouro por cabeça, fosse a pessoa que fosse, que eram os quintos que se deviam a El-Rei (2), as entradas das fazendas vindas

1. Novo lugar vem a seguinte nota, que parece ser do auctor do manuscrito e affirma uma verdade historica:

«Este ministro era ouvidor da comarca de Parangaguá e foi mandado por Sua Magestade como por assessor de general nestas minas.»

Lanhos Peixoto era com effeito ouvidor em Parangaguá e só com muita reluctancia accetou o encargo de acompanhar Rodrigo Cesar a Cuyabá como seu auxilliar para a organização dos servicos civis daquellas minas: porém, uma vez lá chegado não quiz mais voltar e em o general em 1728, foi suspenso do cargo de ouvidor e lá ficou como simples particular. Em 1730, resolveu voltar a S. Paulo em uma grande monção, que trazia mais de 100 homens armados e 60 arreboas de ouro, pertencentes aos quintos reais. No caminho foi a expedição assaltada e destruida pelos Payaguás, que se apossaram de tudo, ficando mortos Lanhos Peixoto e toda a guarnição. Foi este o mais tremendo revoz que os paulistas soffreram dos Payaguás, e por isso bem disse o chronista que ficavam em vento, vapor e nada as medidas adoptadas pelo General Cesar contra esses indios.

2. O systema colonial de finanças era cobrar 20 por cento ou um quinto de tudo que se produzia e vendia no Brazil, até dos negros que se importavam da Africa e dos indios que se captivavam em guerra justa. Isto já era uma exorbitancia atroz, porque havia ainda outros impostos especiaes, para casamentos e dotes das princezas, para festas reais lá e aqui, para reconstruir Lisboa arrazada pelo terremoto de 1755, etc.: porém, os impostos estabelecidos pelo general em Cuyabá, nem descriptos, foram verdadeiras extorsões destinadas a transferir para os cotões reais todos os haveres da população e manter o povo na obediencia pela miseria, pelo desanimo, pela ignorancia e pela impossibilidade do reagir por falta de recursos. Em 1883, a Assembléa Provincial de S. Paulo regeitou o imposto de 8000 por escravo da lavoura por ser excessivo e em 1898 o Congresso Federal regeitou o imposto de capitação de 20000 por igual metivo: e entretanto, 160 annos antes já Rodrigo Cesar estabelecia em Cuyabá os impostos de 5 oitavas

1. Rodrigo Cesar devia ter deixado esta capital em principio de Julho para ir se embarcar para Cuyabá no porto de Amatyngubá, distante cerca de 100 kilometros por possimos caminhos daquelles tempos. Lá devia elle ter gasto alguns dias mais em preparar a sua monção, que era numerosa, para esta longa e penosa viagem, de modo a que a sua partida de Amatyngubá teve lugar alli de Julho de 1726 e a sua chegada a Cuyabá a 15 de Novembro, tendo elle gasto 122 dias em descer os rios Tieté e Paraná, subir o Rio Pardo, varar as duas legoas do planalto do Campanham, descer os rios Cachim e Taquary e subir os rios Parangay, S. Laurencio e Cuyabá, até a nova povoação, que foi elevada á villa no dia 1.º de Janeiro do anno seguinte, com o nome que lhe tinha sido dado pelo paulista Jacintho Barbosa Lopes.

(N. da C.)

de povoado a oito oitavos por cada fardo, cinco pelas cargas de molhados e quatro por negros e índios, que de todos se pagavam sem excepção.

Entrou o povo com isto a bromar as minas em consternação, sem lavar alguma de conta mais do que as faisqueiras já exbulhadas; eram tudo misérias, queixas e lamentos; a terra falta de mantimentos por fallarem as roças, que brotavam os milhos espigas sem grão algum; as doenças actuaes, os que escapavam da fome, assim que tudo era gemer, chorar e morrer.

Chegou monção este anno: foi um ajudante de palacio com tantos homems em sua companhia a buscar a lá á barra do Cuyabá para se pagarem as entradas das fazendas que trazia. Si as não pagavam logo, punham-lhes as fazendas em praça, aonde se as arrematavam todas as vezes que cobriam os direitos Reaes, e salarios do Ajudante e mais companheiros, que foram buscadas, que era a duas oitavas de ouro por cada um delles (1). Em tal fórma se executava isto que chegavam muitos a entregar as carregações que traziam e por baratos se verem livres

de ouro por cabeça de humens e de 4 oitavas por cabeça de negros e índios, equivalentes hoje a mais de 100000 na media por cabeça além do imposto geral sobre os generos necessarios á vida, que era igualmente extorsivo!

O que admiro é que a primeira tentativa para a independência só tivesse logar com Pirandete, em 1780, e que ella só se realizasse a 7 de Setembro de 1822!

(1) O salario de um bom trabalhador romano naquella tempo era 100 réis por dia e a congrua de um vigário paramente excedia de 400 réis diarios; mas os salarios dos agentes fiscaes do governo colonial, quando pagos a custa das victimas do mesmo fisco, podiam subir e, de facto, subiam a duas oitavas de ouro por dia, equivalentes a 65000 por dia, metade do que costumavam ganhar os capitães-generaes em tempo ordinario 1 centos de réis por anno.

N. do C.

delles por não incorrerem em mais penas. Foram sempre estas as ajudas de custas com que se estabeleceram as povoações do Brazil.

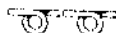
(*Continua*)

O CATHOLICISMO

O Catholicismo morre... dizem os sectarios. Mas os sectarios mentem. Querem provas? Tres altos prelados schismaticos da Syria converteram-se ha dias ao Catholicismo. Foi em Beiruth que o facto se deu, depois de terem assistido a uns exercicios espirituaes dirigidos pelo padre Antonio Sathani, da Companhia de Jesus.

Talvez julguem que esses tres schismaticos convertidos são uns ignorantes. Não, são antes muito illustrados; mas não deixa de ser revelador o que succede na Franca, centro, dizem, da civilização latina.

Actualmente verifica-se um movimento de reacção em favor do Catholicismo. Este renascimento é sobretudo accentuado na juventude. Nas Escolas Normaes, a maior parte dos alumnos são catholicos praticos, e quasi todos inscriptos nas Conferencias de S. Vicente de Paulo. Nos Institutos e Lyceus não é menos eloquente a volta para a fé. Ha poucos dias, quarenta alumnos da Polytechnica fizeram guarda durante uma noite inteira diante de Jesus Sacramentado, exposto em Montmartre. Isto faz a juventude, propensa á dissipação. Isto em Pariz, lóco da libertinagem internacional. Não é eloquente? O Catholicismo morre... dizem os sectarios. Mas os sectarios mentem.



O raio de luz

ROMANCE DE

M.^{me} KEYNES MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCEZA

PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"



IX

Varias vezes nas semanas que se seguiram Gamaliel fôra chamado para junto de seu discípulo Lazaro de Bethania. Uma intimidade respeitosa de uma parte, affectuosa de outra, tinha-se estabelecido entre este moço intelligente e cultivado e o grande doutor judeu. Assim quando, pouco tempo depois da Doençação, Lazaro fôra acometido de uma febre intensa, fizera preverir seu mestre com uma confiança filial. Gamaliel veio no mesmo dia, fêz suas longas visitas ao doente viu muitas vezes as irmãs de Lazaro, que o tratavam: Martha, desvelada e activa; Maria, mais carinhosa em sua graça melancolica, aquella mesma Maria vista de relance em casa de Simão com desprezo, e tal era a dignidade, pacifica d'aquella opulenta morada, que Gamaliel promettera ás duas irmãs de lhes trazer Suzanna. Porém, antes de poder realizar seu desejo, a molestia tomára subitamente um caracter inquietador. Lazaro em pouco tempo expirava em seus braços, humilde e docil na morte, como tinha sido na vida, escutando ainda o grande Rabbi, que, curvado sobre seu leito, lhe repetia as palavras das eternas promessas. Quando Suzanna chegou, tudo estava acabado. As carpideiras enchiam o ar com seus gritos, e as delgadas flutuas saltavam seus

cantos lugubres. Na casa moveis que serviam de assento, estavam revirados, extendidos pelo chão, as esteiras e os coxins atirados em desordem, tudo segundo o costume judeu. Lá em cima no aliyah espousava o corpo, enrolado em tiras de panão, perfumadas com myrrha e álcoes, a cabeça coberta com um lençol mas sem nenhum ornamento que o luxo oriental usava naquella época.

Gamaliel pedia que seus discípulos fossem enterrados com uma simples roupa de linho: e Martha e Maria haviam seguido docilmente seus conselhos, muito de accordo com seus próprios desejos.

A procissão fúnebre pôz-se em movimento.

Não havia ritos religiosos propriamente ditos nos funeraes, nem Sacerdotes, nem canto liturgico. Na frente as carpideiras e os tocadores de instrumentos, mais ou menos numerosos segundo a opulencia da familia, precediam o defuncto.

Lazaro, deitado n'um caixão aberto, era carregado logo em seguida por amigos que se revezavam frequentemente, embora fosse curto o trajecto da casa á sepultura privada.

Depois, atraz do corpo, do lado opposto á Galiléa, onde deviam preceder-o, as mulheres caminhavam como tendo sido as primeiras que

introduziram a morte no mundo, e após ellas os parentes, os amigos, os simples conhecidos, aquelles mesmos que cruzavam o caminho do lugubre cortejo.

Suzanna se juntou á multidão, sem fallar a ninguém. O costume queria que um ou varios discursos fossem pronunciados durante o trajecto ou diante da camara sepulchral. N'aquelle dia foi o proprio Gamaliel quem fallou. As carpideiras suspenderam seus gritos e as flautas suas tristes melopéas. Todos escutavam attentos, o celebre mestre. Longe de insultar aquelles que então demasiadas vezes prodigalizavam ao defuncto louvores extravagantes, Gamaliel paraphraseou em poucos instantes, grave e com muita simplicidade, uma de suas sentenças favoritas: «Elle irá de claridade em claridade.» Era como si fosse a sua ultima lieção em que, abandonando as discussões pueris, o grande doutor deixava fallar sua alma, num adeus affectuoso e solenne.

Comsigo mesmo Gamaliel quasi se admirava de que, embora os riscos que teria de correr, o amigo por excellência daquella nobre casa se conservasse afastado em horas tão dolorosas. E elle, tão desdenhoso, pela grandeza de sua alma, dos applausos humanos: elle, tão habituado com o enthusiasmo de todos, oitava, parecendo procurar um ouvinte ausente, aquelle que Gamaliel escutava d'antes, e que teria querido ver agora compartilhar o luto da estimada familia.

Chegaram enfim á camara sepulchral. Uma especie de corredor a precedia. Sete ou oito fumbas estavam cavadas horizontalmente na rocha, pela frente e pelos lados. O pae e mãe occupavam já os lugares

superiores. Lazaro foi depositado bem em frente da entrada, sem caixa, sobre a pedra nua, envolvido simplesmente nas tiras de panno e num sudario, a cabeça velada. Então as lamentações, os gritos retiniram com mais intensidade. As carpideiras rasgavam as vestes, arrancavam os cabellos, faziam mil contorções bizarras. Na desordem e no tumulto d'aquelle momento supremo, uma mulher se abaixou, muda sob os véos do luto, e collou seus labios longamente sobre o tumulo. Ninguém notou aquella acção tão simples. Porém Suzanna a teria adivinhado entre todas as outras mulheres, pela graça real da attitudo, e de certo reconheceu aquellas lagrimas, porque já as havia visto correr em uma hora inesquecível. Era Maria, irmã de Lazaro.

As cerimoniaes se succediam na estricte observancia dos ritos. Ao regressar do enterro, assentados no chão e silenciosos todos deviam esperar que um membro da familia fallasse antes de arriscar algumas palavras de consolação. A maior parte chorava, tanto o luto de Martha e Maria era o luto de todos; alguns pronunciavam sentenças curtas, quasi sempre estas: «Deus é um Juiz justo».

Outros, enfim, com a cabeça envolvida em seus mantos, meditavam sobre a vaidade da carne do homem, que passa como a herva.

De momento em momento, todos se levantavam, approximavam-se uns dos outros e tornavam a sentar-se acabruimbados, e isso se renovava até que um festim funebre, «o pão do luto», reunisse em varias mezas «aquelles que tinham vindo para chorar». Dez raças se succediam então em honra do morto, cuja alma julgavam estar presente, es-

cutando as palavras, observando as attitudes. As duas irmãs haviam simplificado essas cerimoniaes tanto quanto puderam. Gamaliel por sua vez gostava pouco d'esses ritos e d'aquella encenação, que o uso geral em sua grava. Cansado e triste, retirou-se cedo, sem que Suzanna em sua extrema timidez tivesse osado se approximar de Martha e de Maria para lhes fallar. Mas ella devia voltar brevemente. Entre as obras de caridade, as tradições judaicas punham em primeiro logar a consolação dos afflictos; e Suzanna achava naquella circumstancia um attractivo todo especial. Primeiramente pensava ver Maria e estudalla de perto; depois, imaginava que Jesus enviaria alguma mensagem ou então que ouviria fallar d'Elle.

Esperava que por causa de seus inimigos, Elle não se approximassem de Jerusalem. Ella assim o esperava... contudo receava que Elle assim mesmo viesse... Quanto mais sua fé augmentava, mais lhe parecia impossivel que se triumphasse d'Elle, e então o desejo de tornar a vê-lo voltava mais imperioso. E sempre, na candura de sua alma mystica, ella sonhava appproximar-se d'Elle, como Sara, mulher de Abraham, appproximava-se dos anjos de Deus para ajoelhar-se aos seus pés e os servir. Era um attractivo immenso de admiração e de pureza infinita.

Naquelle dia, quando, em Bethânia, Suzanna entrou na sala, cujas janellinhas estavam fechadas em signal de luto, as mulheres que choravam, ergueram a cabeça, e Maria tendo-a visto entrar, teve um movimento de surpresa. Chamou-a para junto d'esi num gesto de humildade tão carinhosa que Martha a interrompeu: E Suzanna, irmã

de Gamaliel? E sem fazer allusão ao seu primeiro encontro, acrescentou em voz baixa, quando Suzanna se assentára na esteira junto d'ella: « Si Jesus estivesse aqui, não teria morrido meu irmão ». A casa estava cheia de Judeus vindos de Jerusalem e de pessoas notáveis da localidade. Mas as duas jovens mulheres podiam facilmente se isolar, e por muito tempo, entre lagrimas, Maria fallou de Levzaro, da tornura que os unia, da magoa dolorosa que lhe causou sua morte—o tambem do amigo que tinha mandado prevenir, havia já quatro dias... Ella não se admirava de sua ausencia, não se queixava d'elle; o que Elle fazia sempre, mesmo que ella não comprehendesse, para ella, Maria, era sempre o que Jesus tinha de melhor a fazer. Suzanna escutava pensativa; olhava com uma curiosidade apaixonada, o bello, rosto, de linhas delicadas, alumiado agora por uma luz interior. E Suzanna se admirava de rever assim sem um signal de suas loucuras passadas, aquella a quem não ousava olhar outrora no orgulho de sua soberana belleza.

O dia se adiantava. Martha tinha sahido, chamada de fora sem que ninguem se admirasse, porque toda a direcção da casa estava em suas mãos.

Após alguns momentos voltou precipitadamente e disse baixinho á sua irmã: « O mestre está ali e te chama! » Maria levantou-se apressadamente e os judeus a seguiram, pensando que ella se dirigisse ao tumulo. Porém mesmo no jardim ella torceu para a estrada do deserto. Os judeus a acompanhavam sempre. Suzanna, que havia percebido, caminhava bem proximo de Maria.

Na entrada da aldeia, n'uma volta de caminho, Maria encontrou Jesus de Nazareth. Ao se approximar disse-lhe aquellas mesmas palavras que tinha dito a Suzanna, palavras que não eram uma censura, mas antes confissão suprema de que enquanto Jesus estivesse presente, nenhuma desgraça poderia attingil-as : « Senhor, si estivesseis aqui, meu irmão não estaria morto. »

É um estranho confronto se impanha ao espirito de Suzanna. Maria, que dizia agora a palavra confiante da amizade, a queixa de um coração fraco ao coração todo poderoso, era a mesma mulher que outrora tinha arrastado aos pés do Senhor, a vergonha de longos annos de desregramentos... A transfiguração d'aquella alma era tão radical que a peccadora era agora de sua estirpe... Elle continuava a perdoal-a... Suzanna não comprehendia. Maria estava de joelhos, banhada em lagrimas. Os judeus tambem choravam. Já não eram aquelles gemidos de encomenda dos funeraes, a melopéa das flautas, o grito discordante das mulheres. Era a dôr profunda, a chaga que faz no coração a partida para sempre, e o arrancar d'aquillo que toda a ternura é impotente de conjurar. Era o sopro da tempestade transtornando e desarranjando até o intimo do ser...

Felizes dos que nessas horas pungentes, fazem os poucos passos que os levam aos pés do Mestre, lançando aos seus olhos seu coração a sangrar e dizendo-lhe suas torturas e seus queixumes, na ineffável liberdade do amor :

« Senhor, si estivesseis aqui, meu irmão não estaria morto! »

E Suzanna alli se achava, naquello encontro de Jesus de Nazareth e de

nossas dôres terrestres. Havia visto o Mestre perante todas as miserias physicas, sobre as fraldas radiossas do Koum Eddin, no meio dos cegos, dos surdos e dos mudos, fazendo o bem ao passar, curando a todos. Elle era tão misericordioso, tão bom, mas desempenhando um mandato, affirmando assim pela grande prova do milagre, sua missão de enviado de Deus...

Suzanna tinha-o visto diante da peor das miserias, a falta vergonhosa e a degradação moral. E elle tinha extendido as mãos, tinha perdoado, com aquella compaixão infinita que parecia sepultar o mal sob a sua immensa piedade. E aquillo mesmo O engrandecia, tornava mais proximo do Senhor, que definitivamente se reservava o direito do perdão: isto não igualava Jesus aos nossos corações de carne...

Permaneceria Elle diante de nossas angustias, inaccessivel, distante, desapiedado? Elle que tinha deixado sua mãe para vir pregar aos homens e que dizia que por seu amor era mistér odiar até sua propria alma, então que pensava Elle das prevações que nos esmagam? Já que esta terra não é mais que uma passagem, que lhe importavam os gritos de afflicção que se soltam n'uma agonia sem nome? A separação, a morte, o luto de alguns dias, enfim, o que pôde ser tudo isto em face da eternidade?

A emoção de Suzanna era tão forte que não ousava encarar o Mestre, com medo de o achar impassivel e de lêr a condemnação tacita de toda a sua amizade; com receio de sentila cruelmente, ah! sim, cruelmente demais, longe de todos.

Mas seu desejo de saber era tão imperioso, que pouco a pouco ergueu a cabeça e lentamente, na cla-

cidade fria daquelle tarde d' inverno olhou no redor... e viu Martha, Maria banhada em lagrimas, os Judeus desolados cercandoas e Jesus em frente d'aquelle dôr humana...

E Jesus chorava.

Todos caminhavam agora para o sepulchro. A tarde era bella e calma. As palmeiras como que friorentas, encolhiam suas palmas; nem flôres, nem arbustos no caminho, nada mais que o verde descorado das oliveiras. Uma luz clara e fria, muito intensa, fazia sobresahir com certa dureza as arestas vivas das pedras, os galhos nús das rarissimas arvores. Suzanna com a idéa fixa das horas decisivas, olhava machinamente para as lettras hebraicas urdidas na orla do manto de Jesus, procurando decifral-as sem o conseguir: as lettras pareciam crescer, confundir-se, tomando um character estranho. Suzanna luctava contra si mesma, afastava de si um incompreensivel terror sagrado que a fazia estremecer. Os Judeus em torno diziam: « Já que Jesus de Nazareth assim o amava, não poderia impedir que morresse? Pois não abriu os olhos daquelle cego de nascença! » O ar estava tão calmo que cada passo resoava distinctamente no sólo endurecido. Suzanna caminhava como num sonho. Aquellas lettras hebraicas martellavam seu cerebro, imprimiam-se nelle em characteres de fogo. Pensava: « Quizeram que Gamaliel estivesse aqui. »

Nesse momento chegavam ao jardim, diante da porta do sepulchro. Era uma gruta. Uma pedra fechava a entrada. Jesus disse:—Tirai a pedra.

Martha avançou vivamente:—Senhor, não é possível. O corpo do meu pobre irmão já está em decom-

posição. Ha quatro dias que morreu!

—Já não vos disse que si acreditasseis, veríeis a gloria do Deus? perguntou Jesus. Alguns homens se adiantaram. A pedra se moveu do seu lugar.

—A abertura alli estava escancarada. Uma luz crua esclarecia a antecâmara que precedia o sepulchro; no fundo os nichos se desenhavam vagamente na sombra.

—Jesus deu alguns passos numa majestade serena. Elle elevou as mãos e pediu em voz alta: Pac, eu vos dou graças por me terdes escutado. Por mim sabia que sempre haveis de me ouvir. Mas foi por causa deste povo que me rodeia, que fallei afim de que acreditassem que fostes vós que me enviastes. » O som da voz grave, extinguiu-se no ar tranquillo. Um silencio solenne pairava sobre a multidão. Suzanna desfallecendo, fechou os olhos... Jesus gritou com voz forte:—

« Lazaro, vem para fóra! »

Então o que se parson, foi indescritivel. Um movimento de terror sacudia, como uma vaga, a alma de todo aquelle povo. Alguma coisa de confuso se mexia na sombra, tomava uma fôrma, vinha vindo na antecâmara sepulchral.

Lazaro, os pés e as mãos envolvidos em tirinhas de paño, a cabeça velada, emergiu na luz fria da tarde.

Um grito de espanto e de medo escapou de todos os peitos. Martha lançou-se para seu irmão num impulso de alegria...

—E Maria lentamente, piedosamente beijava os pés do Mestre...

Caialá.

Continúa.

A moral do coração depende da logica do espirito.

Secção Meteorologica

Coordenadas Geographicas das Estações do Estado

Observatorio Meteorologico "D. Boseo"

DEPENDENTE DO LYCEU SALESIANO DE ARTES E OFFICIOS — Em Guibá
Estado de Matto-Grosso—Director: P. Dr. Francisco de Aquino Corrêa
Secretario: Prof. Sylvio Milanese.

Altitude da localidade 235^m,02

Latitude austral 15° 35' 49"

Longitude Occid. do Rio 12° 50' 7"

Longitude em tempo a W de Greenwich 3hs. 45'

Longitude em grãos, a W de Greenwich 3° 5' 52"

Declinação: 0° 31' 24" NE — Inclinação: 0,6786 — Horizonte: 0,2717.

Estação Meteorologica de Corumbá

A CARGO DO COLLEGIO SALESIANO «SANTA THEREZA» — Encarregado:
P. José Thannhuber—Auxiliar: P. Clemente Dorozeweki

Longitude W de Greenwich 57° 39' 10" 50

Longitude em tempo aW Greenwich 3 hs, 50' 36" 70

Latitude Austral 19° 00' 00" 72

Altitude da localidade 154^m,85

Estação Meteorologica do Araguaya

DEPENDENTE DA DIRECTORIA SALESIANA DA COLONIA INDIGENA
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS—Encarregado: P. Antonio Colbacchini—Auxiliar:
Modesto Cerutti Botan-Curi

Latitude Austral 15° 33' 27" 3

Longitude W do Rio de Janeiro 9° 48' 57" 0

Altitude approximada da localidade 509^m,14

Estação Meteorologica de S. Luiz de Caeres

A CARGO dos R. R. P. P. FRANCISCANOS—Encarregado: Frei Carlos
Valette—Auxiliar: Frei João Luiz Bourdoux

Longitude W de Greenwich 57° 45' 51"

Latitude Austral 16° 03' 30"

Longitude em tempo a W de Greenwich 3hs. 51' 06"

Altitude da localidade 180^m,02

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officios

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.

P. de Aquino Corrêa e Secretário Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02, LATITUDE 15° 25' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Oco. do Rio)

N. de Observações por dias 1 - a. m. à 1.1 - e 4.1 p. m. hora local

TABELLA 1

Abril 1914	PRESS. BAROMETRICA				EXTRE- MOS da tem- perat. 8.14 p.		THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido			
	reduzida à 0° 700													
	4.1 a	4.1 p	4.1 p	Med	Max.	Min.				Med.				Med.
1	47.4	46.2	46.6	46.7	30.0	25.2	25.6	29.5	27.5	27.5	23.6	24.0	24.5	24.0
2	47.2	45.5	46.3	46.4	28.3	23.4	24.8	28.5	27.1	26.8	23.0	24.1	24.9	24.0
3	46.9	45.1	46.1	46.0	29.6	24.7	24.8	28.8	27.3	26.9	23.2	24.0	24.5	23.9
4	46.7	44.9	46.8	46.1	30.5	24.5	25.0	30.0	27.9	27.4	23.2	24.2	23.2	23.5
5	47.1	45.3	46.4	46.3	30.6	24.2	24.4	30.1	26.0	26.8	22.9	24.5	23.6	23.4
6	47.0	45.2	45.5	45.9	31.7	23.9	24.6	31.0	28.0	27.9	22.4	25.6	24.6	24.2
7	46.6	44.5	44.6	45.2	31.5	23.9	25.0	31.2	27.9	28.0	22.4	25.0	25.1	24.2
8	45.2	43.3	44.2	44.2	32.5	25.4	25.9	32.0	28.8	28.9	23.1	25.5	25.2	24.6
9	44.9	43.1	45.4	44.5	32.0	26.1	26.3	31.6	27.2	28.4	23.5	25.4	24.0	24.3
10	46.7	44.9	46.7	46.1	29.9	24.0	23.8	29.7	26.4	26.6	22.8	25.1	24.0	24.0
D. 1.	46.5	44.8	45.8	45.7	30.6	24.5	25.0	30.2	27.3	27.5	22.9	24.7	24.3	23.9
11	47.1	45.0	47.6	45.9	31.0	24.5	24.5	30.8	27.2	27.5	23.1	24.6	24.8	24.2
12	47.0	44.5	45.4	45.6	30.6	25.4	25.4	30.2	27.0	27.5	24.0	25.0	24.4	24.5
13	45.8	43.0	47.3	45.3	32.0	25.2	25.3	31.4	28.3	28.2	23.7	26.4	25.2	25.1
14	46.5	42.5	44.6	44.5	30.5	25.2	26.2	32.2	28.0	28.8	24.2	26.8	25.0	25.3
15	45.5	43.8	46.2	45.2	30.5	25.5	25.8	30.0	27.6	27.8	23.8	25.2	24.8	24.6
16	47.4	43.3	45.1	45.2	31.7	25.2	27.0	30.5	27.3	28.3	24.4	25.5	25.1	25.0
17	47.8	46.6	48.1	47.5	27.8	21.9	25.0	27.6	26.0	26.2	23.4	24.8	24.0	24.0
18	49.1	47.1	48.6	48.3	28.5	22.6	23.0	28.1	27.0	26.0	21.5	21.5	24.6	23.9
19	48.9	45.8	46.8	47.5	30.3	24.4	24.6	30.0	27.2	27.3	23.2	25.0	24.8	24.3
20	47.1	44.4	45.6	45.7	31.0	24.3	25.5	31.1	25.8	27.5	23.5	25.9	24.0	24.5
D. 2.	47.2	44.6	46.5	46.1	30.3	24.7	25.2	30.1	27.1	27.5	23.4	25.3	24.6	24.7
21	46.0	43.8	45.3	45.0	31.7	24.7	25.0	30.9	27.6	27.8	23.5	26.0	25.4	25.0
22	47.0	45.3	46.5	46.3	30.5	24.5	25.0	30.5	26.9	27.9	24.0	25.7	24.9	24.6
23	46.6	44.7	45.6	45.6	31.3	24.8	25.0	30.0	27.4	27.8	23.0	24.8	25.2	24.3
24	46.0	43.7	44.1	44.6	31.4	24.5	24.3	31.4	28.2	27.9	21.5	25.2	25.2	24.3
25	44.8	42.8	44.7	44.1	31.6	24.8	24.0	31.2	26.4	27.2	22.0	25.6	24.0	24.8
26	45.4	45.0	45.8	45.4	26.5	23.2	25.0	26.4	26.0	25.8	23.5	24.6	24.8	24.3
27	46.9	44.7	46.8	46.2	28.0	22.7	23.6	27.6	25.6	25.6	23.0	25.0	24.2	24.0
28	46.6	45.0	45.9	45.7	29.2	22.7	23.7	28.6	27.2	26.5	22.9	25.0	25.0	23.9
29	46.6	45.4	47.4	46.4	31.0	24.0	25.0	31.2	27.0	27.5	23.5	26.2	25.0	24.7
30	50.5	51.7	52.1	51.4	27.0	16.7	20.8	18.7	17.3	18.6	20.0	17.5	16.4	17.9
D. 3.	45.6	44.2	46.4	45.4	29.8	23.2	24.1	28.7	25.8	26.2	22.7	24.5	23.9	23.7
Mez	46.4	44.5	46.2	45.7	30.2	24.1	24.8	26.7	25.3	27.1	23.0	24.8	24.2	24.0

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Abril 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)							
	144 a.	144 p.	144 n.	Média	144 a.	144 p.	144 n.	Média	5.44 n. m.	1.44 p. m.	8.44 p. m.	Média				
1	20.4	18.7	21.0	20.4	85	61	77	73.6	S	2	K	6	—	0	2.6	
2	19.8	19.6	22.0	20.4	85	68	83	78.3	As	9	S	10	S	7	8.6	
3	20.1	19.2	21.1	20.1	87	65	78	76.6	CK	6	K	8	S	7	7.0	
4	19.9	18.9	18.7	19.2	85	60	70	71.6	—	0	K	7	K-Kn	8	5.0	
5	18.5	19.4	20.2	19.4	82	61	80	74.3	—	0	K	5	—	0	1.6	
6	18.8	21.0	20.9	20.2	82	63	74	73.0	As	1	K	6	S	2	3.0	
7	18.5	19.7	21.6	19.9	79	58	79	72.0	S	5	K-Kn	7	S	2	4.6	
8	19.3	20.2	21.6	20.4	78	57	73	69.3	Cs	4	K	7	S	2	5.5	
9	19.8	20.1	20.2	20.0	78	57	75	73.3	KS	9	K-Kn	8	SK	10	9.0	
10	20.0	20.8	20.7	20.5	91	67	81	79.6	CK-S	3	Kn	10	K	9	7.3	
D. 1 ^a	19.5	18.7	21.8	20.3	83.0	78.5	76.9	73.8	—	3.9	—	7.4	—	5.1	5.4	
11	21.1	19.2	21.8	20.7	88	58	81	75.6	KS	8	Kn-K	7	K	10	8.3	
12	21.3	20.3	21.2	21.0	88	64	80	77.3	CS	7	Kn-K	8	S	8	7.6	
13	20.8	22.5	21.9	21.7	87	65	77	76.3	CK	4	Kn	7	CK	2	4.3	
14	21.2	22.8	21.7	21.9	84	63	77	74.6	Cs	4	Kn	8	NK	9	7.0	
15	20.7	20.8	21.7	21.1	83	66	78	75.6	CK	8	Sc	4	K	7	6.3	
16	21.1	21.2	22.3	21.5	80	65	83	76.0	CK	6	Kn	7	N	10	7.6	
17	20.4	21.2	20.9	20.8	87	78	84	83.0	N	10	K-Kn	10	S-K	6	8.6	
18	18.2	20.6	21.5	20.1	88	73	81	80.6	N	10	K	6	Kn	9	8.3	
19	21.3	20.5	21.8	21.2	88	67	81	78.0	K-Kn	10	K	4	K	4	6.0	
20	20.3	21.6	21.0	21.0	83	64	85	77.4	K	8	Kn-K	8	SK	5	7.0	
D. 2 ^a	20.6	21.0	21.5	21.1	85.6	66.1	80.7	77.4	—	7.5	—	6.9	—	7.0	7.1	
21	21.6	22.0	22.7	22.4	88	67	83	79.3	Cs	2	N-SK	8	Xs	7	6.3	
22	21.5	21.5	21.2	21.4	92	66	84	80.6	Kn-Cs	4	K-CK	6	Cl	0	3.3	
23	19.6	19.6	22.4	20.5	83	58	83	74.6	C	6	K-Kn	7	Ks	5	6.0	
24	19.1	20.0	21.7	20.3	85	58	77	73.5	S	2	K	7	—	7	5.3	
25	18.4	20.9	20.7	20.2	83	62	81	73.3	Cs	2	K-Kn	7	K	9	7.0	
26	21.6	21.9	22.6	22.0	88	85	90	81.3	Kn	10	K	10	K	10	10.0	
27	20.5	21.9	21.6	21.3	95	80	88	87.6	Kn	10	K-Kn	9	N	10	9.6	
28	20.2	21.3	22.2	21.2	93	73	83	83.0	N	10	K-CK	6	SK	4	6.6	
29	20.5	22.2	22.3	21.7	88	65	84	79.0	CK-C	6	K	6	N	10	7.3	
30	16.9	14.1	13.4	14.8	93	88	92	90.0	N	10	N	10	N	10	10.0	
D. 3 ^a	19.9	20.5	21.0	20.5	88.8	70.2	84.5	81.1	—	6.5	—	7.6	—	7.4	7.1	
Mez	20.6	20.4	21.4	20.6	85.8	66.0	77.7	80.7	—	5.9	—	7.3	—	6.5	6.6	

Observatório meteorológico "B. Bosco" — Cuiabá
TABELLA III

Abril 1914	VENTOS									CHUVA		EVAPORA- ÇÃO de 6 h. a m.	HORAS de Insolação	
	Direcção—Força—Velocidade metros por segundo									de 6.44 a.				
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel. média 24 hs.	Alt.	Dur.			
1	W	1	1.0	S	2	3.0	C	0	0.0	0.431	—	—	2.9	9.7
2	NW	1	1.0	S	2	1.0	C	0	0.0	.372	—	—	3.0	2.2
3	C	0	0.0	S	1	1.0	S	1	1.0	.119	—	—	2.0	6.3
4	N	1	1.0	S	1	1.3	NE	2	2.0	.378	—	—	2.2	9.8
5	NW	1	1.0	SW	2	1.0	SE	1	1.0	.359	—	—	2.7	9.7
6	C	0	0.0	N	1	1.3	C	0	0.0	.217	—	—	2.4	9.0
7	N	1	1.0	NE	1	1.3	N	1	1.0	.550	—	—	2.6	8.8
8	N	1	1.3	N	2	1.0	E	1	1.0	.212	—	—	2.5	9.6
9	N	1	1.0	N	2	2.9	C	0	0.0	.316	—	—	3.3	4.5
10	N	1	1.3	N	1	1.4	SE	1	1.3	.796	—	—	3.0	5.5
D. 1ª	—	0.8	0.8	—	1.5	2.1	—	0.7	0.7	0.395	0.0	0.0	26.6	75.1
11	N	1	1.0	N	1	1.0	C	0	0.0	0.551	—	—	2.1	6.5
12	S	1	1.0	"	2	2.0	C	0	0.0	.198	—	—	2.1	4.6
13	C	0	0.0	W	2	3.0	N	2	3.0	.298	—	—	2.0	7.5
14	"	0	0.0	C	0	0.0	"	4	7.0	0.443	—	0.50	2.7	6.6
15	N	5	7.0	N	3	4.3	C	0	0.0	0.069	7.0	—	2.8	5.8
16	N	3	4.0	E	4	7.0	W	4	7.0	0.808	—	2.00	3.7	7.3
17	C	0	0.0	S	1	1.4	S	1	4.5	0.292	9.5	—	1.0	1.0
18	S	2	3.4	"	2	2.0	SW	1	1.0	.018	—	—	1.9	4.6
19	"	1	1.0	C	0	0.0	C	0	0.0	.434	—	—	1.8	7.7
20	N	1	1.0	NW	1	1.3	C	0	0.0	.347	—	1.00	2.1	7.5
D. 2ª	—	1.4	1.8	—	1.6	2.2	—	1.3	2.1	0.355	0.355	16.5	22.2	59.1
21	N	1	1.0	N	1	1.8	C	0	0.0	0.412	4.8	inter.	1.7	8.2
22	NW	1	1.8	N	1	1.8	C	0	0.0	.543	0.5	0.15	2.4	7.2
23	C	0	0.0	"	1	1.3	C	0	0.0	.344	14.4	—	2.1	7.9
24	"	0	0.0	N	2	3.5	N	1	1.3	.471	—	—	2.4	0.9
25	N	1	1.0	"	2	3.2	S	1	1.5	.555	—	—	3.1	0.0
26	NW	1	1.3	C	0	0.0	S	1	1.0	.288	—	1.30	2.6	4.5
27	C	0	0.0	NW	1	1.0	C	0	0.0	.554	28.0	0.10	1.0	9.7
28	C	0	0.0	N	1	1.8	"	0	0.0	.348	1.0	6.45	1.4	9.3
29	NW	1	1.4	NW	2	3.3	"	0	0.0	.726	80.0	—	1.5	8.3
30	S	1	1.8	S	1	1.5	S	2	3.8	.325	—	—	1.5	6.7
D. 3ª	—	0.6	0.8	—	1.4	1.9	—	0.5	0.7	0.459	128.6	399.9	19.7	52.2
Moz	—	0.9	1.1	—	1.5	2.1	—	0.8	1.1	0.403	145.1	43.00	68.5	18.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuiabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Abril						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas		
N	11	1	1	27	Pressão media mensal	745.7
NE	0	1	1	2	« Extrema maxima dia 30	752.1
E	0	2	1	3	« « Minima dia 14	742.5
SE	0	0	2	2	Temperatura mensal ao abrigo	30.2
S	4	7	5	16	Extrema Maxima dia 8	32.5
SW	0	1	1	2	« Minima dia 30	16.7
W	1	1	1	3	Tensão mensal do vapor da agua	20.6
NW	5	3	0	8	Maxima tensão -- dia 14	22.8
Calma	9	3	15	27	Minima « -- dia 30	13.4
Somma	30	30	30	90	Humidade relativa mensal	77.5
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema maxima -- dia 27	9.5
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas	« minima -- dia 8-9	5.7
C	1	0	0	1	Nuvens -- Formas predominantes	Ku-K-N
C.S	4	1	0	5	Quantidade media	6.6
C.K	6	2	1	9	Dias claros	4
A.C	0	0	0	0	Nublados	22
A.S	2	0	0	2	Encobertos	4
SK	3	1	7	11	Horas de Sol durante o mez	186.4
K	1	18	6	25	Total de chuva cahida	145 ^m /m
N	4	1	3	9	Altura maxima em 24 horas dia 14	00 ^m /m
K.N	4	14	2	20	Evaporação total ao abrigo	68 ^m /m
S	3	0	6	9	Maior evaporação, dia 16	3.7
Claros	2	3	3	8	Menor « dia 17	1.0
Nº de dias de:					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.403
Chuvas				8	Chuvas afastadas	10
Trovoadas				7		
Relampagos				9		
Tempestado				0		
Arco-iris				3		
Orvalho				12		
Nevociros				1		
Halo lunar				2		
Coroa lunar				0		
Parasclenicos lunares				0		

Estações Meteorológicas do Estado

Resultado em Decadas das observações Meteorologicas effectuadas no mez de Março de 1914

[illegible]

FENOMENOS DIVEROSOS.—Gumbá.—Max. ext. 35.4 dia 18. min. ext. 18.2 dia 26. 18 dias de chuvas, 8 dias impos. 4 dias relampagos com fortes descargas electricas e vento fortes dia 2 e 9; maior pres. barom. 746.9 dia 14-15 maior altura de chuva 65^{mm} dia 8. menor pres. barom. 746.0 dia 11 maior altura de chuva 40.0 dia 11. maior altura de chuva 40.0 dia 11. maior altura de chuva 40.0 dia 11.

Argentina Orvallo 20 días; volampagos 20; días trovada 26 días; clonva 12 días; hal-jinnat 3 días; nevolero 0 días; unna, exa-
20-4 día 16; min. exfr. 15-8 día²⁹.

Caceres — Dias claros 16; dias encobertos 7; dia de chuva 12; nevoeiro 2; dias de trovoadas 14; dias de orvalho 20; arcos-iris 4; cometa lunar 2 max. abs. 32° 3' dia 10; min. abs. 20,8 dia 23; maior pressão barométrica 759,9 dia 21, menor pressão barométrica 748,8 dia 1.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.

F. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02, LATITUDE 15° 35' 39" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de Observações por dia às 6 h a. m. à 1.41 e 3.44 p. m. hora local

TABELLA I

Maio 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida à 0° 700				EXTRE- MOS da tem- perat. s. 44 p.		THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido			
	6.44 a.	1.44 p.	3.44 p.	Med.	Max.	Min.	4.44	11	4.44 p.	Med.	4.44	11	4.44 p.	Med.
1	51.5	49.7	50.5	50.6	18.5	15.2	16.0	19.0	18.5	17.8	15.2	17.0	17.6	16.6
2	49.9	48.4	49.9	49.4	23.7	18.2	19.0	22.5	22.6	21.4	18.4	20.7	21.4	20.0
3	50.7	48.7	49.0	49.5	25.7	21.1	21.3	24.7	24.0	23.7	20.5	22.7	23.0	22.0
4	49.4	46.7	46.7	47.6	28.7	22.7	23.0	27.7	26.0	25.6	22.5	24.9	24.4	23.9
5	48.2	45.5	46.6	47.8	29.4	23.7	24.3	29.5	26.2	26.7	23.3	25.0	24.6	24.3
6	46.7	45.4	46.6	46.2	30.0	23.0	20.0	29.6	26.1	26.6	22.8	25.5	24.7	24.3
7	47.7	46.5	47.2	47.1	30.0	25.7	24.7	29.0	27.0	26.9	23.6	26.0	25.2	24.9
8	48.4	47.0	47.0	47.5	30.1	23.4	23.7	29.4	26.2	26.4	23.0	25.9	24.5	24.5
9	49.3	47.5	48.5	48.4	30.5	22.2	22.8	30.2	25.8	26.3	21.6	27.8	24.3	24.6
10	48.9	47.6	48.5	48.3	30.2	21.8	21.1	29.6	27.4	26.0	20.5	27.8	24.2	24.2
D. 1.ª	49.0	47.3	48.0	48.1	27.6	21.5	21.9	27.1	24.9	26.6	21.1	24.3	23.3	22.9
11	49.9	47.4	47.1	48.1	30.4	20.4	21.7	30.0	25.0	25.6	21.0	28.4	21.7	28.7
12	47.6	46.6	46.5	46.9	30.2	22.0	22.0	29.6	25.5	25.7	20.0	21.6	22.0	21.2
13	49.1	46.8	46.3	47.4	29.9	21.2	20.8	29.0	25.4	25.1	19.0	21.5	22.2	20.9
14	48.0	46.6	47.6	47.4	31.3	21.6	21.0	29.6	24.5	25.0	19.0	21.5	21.0	20.5
15	48.2	45.8	46.6	46.9	32.8	23.6	21.0	30.8	26.0	25.9	18.5	23.2	23.2	21.6
16	46.4	44.9	46.2	45.3	32.0	24.3	24.0	31.8	27.2	27.7	21.2	24.0	23.8	23.0
17	47.7	45.4	45.9	46.3	31.9	23.8	24.4	31.2	28.3	28.0	21.6	24.6	25.1	23.8
18	47.4	45.5	46.7	46.5	31.4	21.8	23.2	31.5	26.7	27.1	21.0	23.4	22.5	22.3
19	48.4	46.8	48.1	47.9	29.7	22.0	22.2	30.8	26.0	26.3	20.0	22.2	22.6	21.6
20	48.7	46.2	47.0	47.3	29.4	20.2	22.7	29.0	25.0	25.6	20.0	20.7	21.5	20.7
D. 2.ª	48.1	46.2	46.8	47.0	30.9	22.0	23.3	30.3	25.9	26.1	20.1	23.1	22.5	21.9
21	47.3	44.5	46.3	46.0	29.2	19.9	20.5	28.9	25.0	24.8	18.7	24.7	20.2	21.2
22	46.4	45.8	46.9	46.4	30.5	21.6	21.4	28.8	25.3	25.2	19.2	21.5	21.9	20.8
23	48.8	48.4	48.9	48.7	27.6	22.7	22.5	30.0	26.8	26.4	20.2	22.0	23.0	21.7
24	48.3	48.6	51.2	49.9	25.4	22.6	23.0	26.5	25.0	24.8	21.0	23.5	22.6	22.4
25	48.4	47.0	47.7	47.7	29.7	20.6	23.5	25.0	22.7	23.7	21.7	22.4	20.7	21.6
26	49.2	47.3	47.2	47.9	24.2	20.0	20.6	23.8	22.2	21.0	19.0	22.0	20.0	19.7
27	47.9	45.8	47.0	46.9	27.7	17.4	18.6	26.8	23.5	22.9	17.2	21.4	21.5	20.0
28	47.9	47.1	47.9	47.6	30.7	20.5	20.9	29.7	25.5	25.4	19.6	22.7	22.5	21.6
29	47.8	46.4	46.7	46.9	32.4	22.4	23.2	31.8	26.0	27.3	21.0	24.0	23.2	22.1
30	47.3	44.9	45.0	45.7	32.4	22.5	22.7	31.2	27.0	27.0	20.3	23.8	24.4	22.8
31	45.5	43.5	44.7	44.6	31.3	25.1	24.9	30.8	27.6	27.8	22.5	23.5	3.7	23.2
D. 3.ª	47.7	46.3	47.2	47.1	31.8	23.5	21.9	28.5	25.1	25.5	20.0	22.7	22.7	21.6
Mez	48.3	46.6	47.3	47.4	30.1	22.3	22.0	28.6	25.3	25.3	20.4	23.4	23.4	22.1

Observatório meteorológico "F. Bosco" - Curitiba

TABELLA II

Mês 1914	HUMID. ABSOLUTA tensão do vapor				HUMID. RELAT. grado hygromet.				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade, (0 a 10)							
	1	2	3	4	1	2	3	Média	5.44 a. m.		4.11 p. m.		8.14 p. m.		Média	
	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.	h.
1	12.4	13.2	14.1	13.3	91	81	91	87.6	N	10	N	10	N	10	10	1.0
2	15.4	17.0	18.2	16.9	94	84	89	89.0	K	10	K	8	Kn	10	10	9.3
3	17.4	19.3	20.2	18.0	93	83	91	89.0	N	10	K	8	—	0	0	6.0
4	19.9	21.7	21.7	21.1	96	78	87	87.0	N	10	K	3	Cs	7	6.6	6.6
5	20.6	20.7	22.0	21.1	91	68	87	82.0	K-Kn	6	Kn-K	5	—	0	0	3.6
6	19.9	21.7	22.3	21.3	90	71	88	83.0	S	7	Kn	9	S	7	6.3	6.3
7	21.0	23.1	22.7	22.3	91	78	86	85.0	—	0	K	4	K	1	1	1.6
8	20.4	22.7	21.9	21.7	94	74	86	84.6	—	0	CK	1	—	0	0	0.3
9	18.5	20.6	21.7	21.2	85	82	88	86.3	—	0	—	0	—	0	0	0.0
10	17.5	16.6	20.5	14.4	94	86	73	85.0	—	0	—	0	—	0	0	0.0
D. 1	18.3	21.2	20.5	20.0	92.5	78.5	86.8	85.9	—	5.3	—	4.8	—	3.1	4.3	—
11	18.1	27.8	17.2	21.0	94	88	72	84.6	S	4	C	2	—	0	1.0	1.0
12	16.1	14.3	17.5	15.9	82	86	72	80.6	—	0	—	0	—	0	0	0.0
13	15.2	14.7	17.9	15.8	84	49	74	68.6	—	0	CK	3	—	0	0	1.6
14	15.1	14.1	16.3	15.1	82	43	72	66.6	—	0	—	0	—	0	0	0.0
15	11.2	16.8	19.4	16.8	77	53	78	69.3	—	0	inapp.	—	—	0	0	0.0
16	17.0	17.3	19.8	18.0	77	50	73	66.6	S	7	K	3	—	0	1.6	1.6
17	17.1	18.9	21.7	19.7	77	55	76	69.3	Cs	7	CK	4	—	0	3.6	3.6
18	17.1	15.5	17.6	16.9	89	48	67	65.3	—	0	CS	4	—	0	1.3	1.3
19	16.0	14.6	18.3	16.3	81	44	73	66.0	SK	8	—	5	—	0	4.3	4.3
20	15.7	13.1	16.3	15.0	77	43	72	64.0	S	7	S	6	—	0	4.3	4.3
D. 2	16.2	16.7	18.2	17.0	81.9	52.2	72.9	68.6	—	9.5	—	2.9	—	0.0	1.7	—
21	14.9	21.8	14.6	17.1	83	82	62	75.6	S	7	S	5	Cl	0	4.0	4.0
22	14.8	14.6	17.5	15.6	78	50	52	60.0	S	7	Kes	8	—	0	5.0	5.0
23	15.9	14.7	18.5	16.3	80	47	71	66.0	S	8	Kes	7	K	7	7.3	7.3
24	17.3	19.7	18.9	18.6	83	76	83	79.7	Kn-K	9	Kn-K	9	—	0	6.0	6.0
25	18.2	18.5	16.8	17.8	84	79	81	81.3	N-Ks	10	Kn	10	N	10	10.0	10.0
26	15.4	15.6	16.0	15.5	85	69	81	78.2	N	10	CK	6	—	0	5.3	5.3
27	13.7	15.6	17.7	15.7	86	59	81	75.3	—	0	—	0	—	0	0.0	0.0
28	16.2	16.2	18.4	16.3	88	52	76	72.0	S	9	S	4	—	0	2.0	2.0
29	17.3	17.3	19.4	17.1	84	50	78	69.6	CK	3	K	5	—	0	1.6	1.6
30	16.2	17.4	21.1	18.2	79	51	80	70.0	Cs	4	K	7	Rnc.	10	7.0	7.0
31	18.8	17.0	18.7	18.2	80	52	67	66.3	KS	9	Kes	8	—	0	5.6	5.6
D. 3	16.2	17.1	18.0	17.1	82.5	60.6	73.7	72.2	—	6.2	—	6.6	—	2.4	5.0	—
Mez	16.9	18.3	18.9	17.8	85.2	63.8	77.7	75.6	—	4.6	—	4.7	—	1.8	3.6	—

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA III

Maio 1914	VENTOS									CHUVA		EVAPORAÇÃO em 6 h. m.	HORAS de Insolação	
	Direcção—Força—Velocidade metros por segundo									as 6.44 a.				
	Direc.	Força ^a	Vel.	Direc.	Força ^a	Vel.	Direc.	Força ^a	Vel. media 24hs.	Alt.	Dir.			
1	S	1	1.0	S	2	3.0	C	0	0.0	1.008	—	—	1.0	0.0
2	S	1	1.0	S	1	1.0	C	0	0.0	.357	—	—	1.2	3.3
3	S	1	1.0	S	1	1.0	NE	0	0.0	.502	—	—	1.0	3.0
4	NE	1	1.0	SE	1	1.3	SE	1	1.0	.282	—	—	1.0	7.0
5	C	0	0.0	SE	1	1.0	C	1	1.0	.200	—	—	0.9	8.2
6	NW	1	1.3	S	1	1.3	C	0	0.0	.330	—	—	1.6	7.1
7	C	0	0.0	S	1	1.3	C	0	0.0	.152	—	—	1.8	9.3
8	C	0	0.0	SW	1	1.0	C	0	0.0	.227	—	—	2.1	10.0
9	C	0	0.0	N	2	2.9	C	0	0.0	.212	—	—	2.4	9.4
10	N	1	1.3	N	1	1.4	C	0	0.0	.252	—	—	2.6	10.0
D. 1 ^a	—	0.6	0.6	—	1.2	1.5	—	0.2	0.2	0.250	1.1	90.0	15.6	67.3
11	NW	1	1.3	N	1	1.3	C	0	0.0	.320	—	—	3.1	7.4
12	C	0	0.0	"	1	1.9	C	0	0.0	.253	—	—	3.8	10.0
13	NW	1	1.4	SE	1	1.3	C	0	0.0	.277	—	—	2.9	9.8
14	"	0	0.0	W	1	1.0	C	0	0.0	.237	—	—	2.7	10.8
15	NW	1	1.4	NE	2	3.4	C	0	0.0	.130	—	—	2.6	9.8
16	C	0	0.0	NE	1	1.0	C	0	0.0	.447	—	—	2.9	9.3
17	"	0	0.0	N	3	3.8	C	0	0.0	.300	—	—	3.0	6.3
18	"	0	0.0	"	1	1.0	C	0	0.0	.341	—	—	2.8	9.3
19	N	1	1.0	NE	2	3.4	C	0	0.0	.158	—	—	2.5	6.7
20	NE	1	1.4	W	2	2.4	NE	1	1.0	.232	—	—	2.9	8.0
D. 2 ^a	—	0.5	0.5	—	1.5	2.0	—	0.1	0.1	0.275	0.0	0.0	23.2	87.4
21	N	1	1.0	S	1	1.8	C	0	0.0	.170	—	—	2.9	8.2
22	N	1	1.0	N	1	1.4	E	0	1.3	.236	—	—	3.1	7.2
23	N	1	1.0	N	2	3.3	C	0	0.0	.221	—	—	2.6	7.9
24	NE	0	0.0	S	1	1.0	S	1	1.0	.370	—	—	3.0	0.9
25	C	0	0.0	"	1	1.5	S	1	1.4	.156	4.0 inter.	—	1.7	0.0
26	"	0	0.0	"	1	1.4	C	0	0.0	.348	—	—	1.4	4.5
27	"	1	0.0	W	1	1.4	"	0	0.0	.152	—	—	1.6	9.7
28	NE	1	1.0	NW	2	1.8	"	0	0.0	.379	—	—	2.0	9.3
29	N	1	1.3	N	2	2.3	"	0	0.0	.242	—	—	2.5	8.3
30	N	1	1.3	N	1	3.0	"	0	0.0	.340	—	—	3.2	6.7
31	C	0	0.0	N	4	7.5	C	0	0.0	.256	—	—	3.4	4.0
D. 3 ^a	—	0.6	0.6	—	1.5	2.4	—	0.2	0.3	0.285	4.0	—	27.4	66.7
Mex	—	0.6	0.6	—	1.5	1.9	—	0.2	0.2	0.270	15.0	6.00	71.2	221.3

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuyabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Maio						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas		
N	7	11	0	18	Pressão media mensal	747.4
NE	4	3	2	9	" Extrema maxima dia 1	751.5
E	0	0	1	1	" " Minima dia 31	743.5
SE	0	3	1	4	Temperatura mensal ao abrigo	30.1
S	3	9	2	14	Extrema Maxima dia 16	32.8
SW	0	1	0	1	" Minima dia 1	15.2
W	0	3	0	3	Tensão mensal do vapor da agua	17.8
NW	3	1	0	5	Maxima tensão — dia 12	27.8
Calma	13	0	25	38	Minima " — dia 1	12.4
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	75.6
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema maxima — dia 4	96.0
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas	" minima — dia 21	43.0
C	0	1	0	1	Nuvens -- Formas predominantes	Ku-K-N
C.S	2	5	1	8	Quantidade media	3.6
C.K	1	4	0	5	Dias claros	16
A.C	0	0	0	0	Nublados	13
A.S	0	0	0	0	Encobertos	2
SK	3	1	0	4	Horas de Sol durante o mez	221.4
K	3	11	2	16	Total de chuva cahida	15 ^{mm} .00
N	5	1	1	7	Altura maxima em 24 horas dia 14	11 ^{mm} .00
K.N	2	3	1	6	Evaporação total ao abrigo	71 ^{mm} .02
S	8	3	1	12	Maior evaporação, dia 16	3.4
Claros	10	5	23	38	Menor " — dia 17	0.9
Nº de dias de:					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.720
Chuvvas					Chuvvas afastadas	0
Trovoadas						
Relampagos						
Tempestade						
Arco-iris						
Orvalho						
Nevoeiros						
Halo lunar						
Coroa lunar						
Paraselenicos lunares						

Estações Meteorológicas do Estado

Resultado em Precipitações das observações Meteorológicas effectuadas no mez de Abril de 1914.

Caceres	Araguaya				Corumbá				Estação de																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
									Decadas																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
	1.a	2.a	3.a	Mez	1.a	2.a	3.a	Mez	7 a.m.	9 p.m.	Media	9 p.m.	Max.	Min.	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.

PIENOMAXIMOS DIURNOS. — Corumbá. — Max. ext. 33.4 dia 27, min. ext. 12.0 dia 30, 10 dias de chuvas, 11 dias de sol, 2 dias de relâmpagos com trovoadas com fortes descargas electricas e vento fortes, dia 9 e 30 — 6 dias completamente nublados maior pres. barom. 756.7 dia 30, pres. barom. 745.7 dia 14 maior altura de chuva 69.9 dia 9.

Caceres. — Dias claros 7, dias encobertos 8, dia de nevoeiro 1, dias de trovoadas 10, dias de relâmpagos 6, dias com orvalho 22, dias de nevoeiro secco 6, de chuvas 8, max. abs. 34.2 dia 17, min. abs. 15.4 dia 30, maior pressão barométrica 757.2 dia 30, menor pressão barométrica 748.2 dia 8.